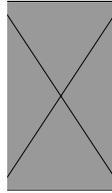




CINE OLARIA

**“REVITALIZAÇÃO DO ANTIGO CINE OLARIA –
UM ESPAÇO DE ENCONTRO E MEMÓRIA”**





Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU
Trabalho final de Graduação

Revitalização Cine Olaria -
Um espaço de encontro e memória
Luíni da Silva Jimenez

Rio de Janeiro
2020

AGRADECIMENTOS

Ufa.. De todos os cenários e caos eu nunca imaginei que estaria me formando em plena uma pandemia mundial, que loucura não? Mas enfim, vamos aos agradecimentos. Não sou a melhor pessoa para expressar meus sentimentos então serei breve. Primeiramente agradeço a minha família que sempre me acompanhou e me deu suporte para que eu conseguisse seguir meu sonho em cursar uma universidade pública em arquitetura. Ao meu pai, que me acompanhou pacientemente em todo o meu processo e a minha mãe que hoje não se encontra mais aqui, mas sinto que ela está presente de alguma forma. Me aguentar nesses longos anos não deve ter sido coisa fácil. Agradeço aos meus orientadores Franklin e Marta (sem h) que toparam entrar nessa minha loucura de trabalho final no meio do caminho. O suporte de vocês foi essencial. Ao Franklin que me trouxe visões diferentes, incentivos a sempre melhorar o projeto e tentar pensar um pouco fora da caixa. À Marta agradeço não só pela contribuição no trabalho mas ao suporte emocional também, entre coordenações e fofocas sobre produtos de beleza e sempre incentivando minha auto estima em relação ao projeto. E claro, os laços se estendem para fora da faculdade, vem para o lado profissional também. Obrigada a todos os puxões de orelha e ensinamentos. Falando em lado profissional, não poderia deixar de agradecer ao escritório Astorga, ao Jorge, a Juju, Muratori, e toda a equipe. Com vocês pude me aproximar de uma das minhas maiores paixões que é patrimônio. Existia uma Luini antes da Astorga e uma Luini pós Astorga. Também quero agradecer a todos os meus amigos que me deram suporte esses anos, e aos amigos da faculdade, que sei que levarei pra sempre na minha vida (que o terceiro não se repita kkkk). Obrigada por serem pessoas incríveis, obrigada pelas risadas, os surtos de ansiedade, as viradas de noite. Falando em amigos, não poderia deixar de mencionar os Alunos Contadores de história. Certamente uma das coisas mais lindas que pude conhecer dentro da faculdade, o laço que criei com vocês será eterno e serei eternamente grata por todos os momentos que convivemos. E claro, por último mas não menos importante, quero agradecer a UFRJ. Talvez vivamos em um relacionamento abusivo, as vezes te odeio mas te amo de uma forma absurda e sempre defenderei essa linda instituição que faz um trabalho excelente e que me deu suporte para agora eu ser Arquiteta e Urbanista.. Viva a Universidade Pública! Viva a Balburdia!



O direito à cultura que tem como objetivo proporcionar e conectar as pessoas à arte e esportes, promovendo acesso a sociedade. A cultura depende tanto de investimentos públicos quanto privado e acredita-se que o acesso a ela está ligado ao desenvolvimento do país, promovendo a diversidade cultural, conhecimento e expandido-a.

Apesar dos direitos e garantias, na cidade do Rio de Janeiro vemos a maior parte destes investimentos se concentrando em uma região da cidade, a zona sul, onde podemos encontrar teatros, cinema de rua, feiras, exposições, museus e eventos. Por meio desta reflexão e devido à escassez de projetos e atividades relacionados a cultura na zona norte da cidade, o presente trabalho tem como objetivo o desenvolvimento de um equipamento cultura nessa região.

O antigo cinema de Olaria, que no passado foi palco de projeção de grandes filmes da época e ponto de encontro na sociedade suburbana carioca, fechado e esquecido a mais de 20 anos, foi escolhido como objeto de estudo. Localizado no bairro de Olaria, zona norte da cidade, e preservado pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), o seu fechamento ocasionou uma carência de equipamentos de lazer na região amplamente demandadas pela população. Sendo assim, propõe-se ressignificá-lo de acordo com a demanda da comunidade, ajudando a construção da memória do lugar e fazendo com que as pessoas se reconectem com o espaço, criando identidade e sentimento de pertencimento, além de oferecer acesso à cultura, lazer e habitação.

01

INTRODUÇÃO

Objetivo
Justificativa
Estruturação do Trabalho
Metodologia

02

ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Preservação do Patrimônio
Relação do Patrimônio com os dias de hoje
Formas de Intervenção no Patrimônio
Preservação, memória e pertencimento
Contexto dos cinemas de Rua na era moderna

03

ESTUDO DA ÁREA DE PROJETO

Localização, o bairro e dados gerais
Morfologia Local
Acesso, mobilidade uso do solo
Aspectos Culturais e Sociais
Dinâmica Social e vitalidade urbana
Sobre o Cine Santa Helena, Olaria
Tombamento, estado de conservação,
modificações

04

PROJETO

Proposta
Intervenção Entorno
Intervenção na Edificação
Projeto de Restauração
Projeto Arquitetônico
Plantas, cortes, fachadas, perspectivas

05

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Referências Bibliográficas

01

INTRODUÇÃO

Estruturação do Trabalho
Introdução
Objetivo
Justificativa

ESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO

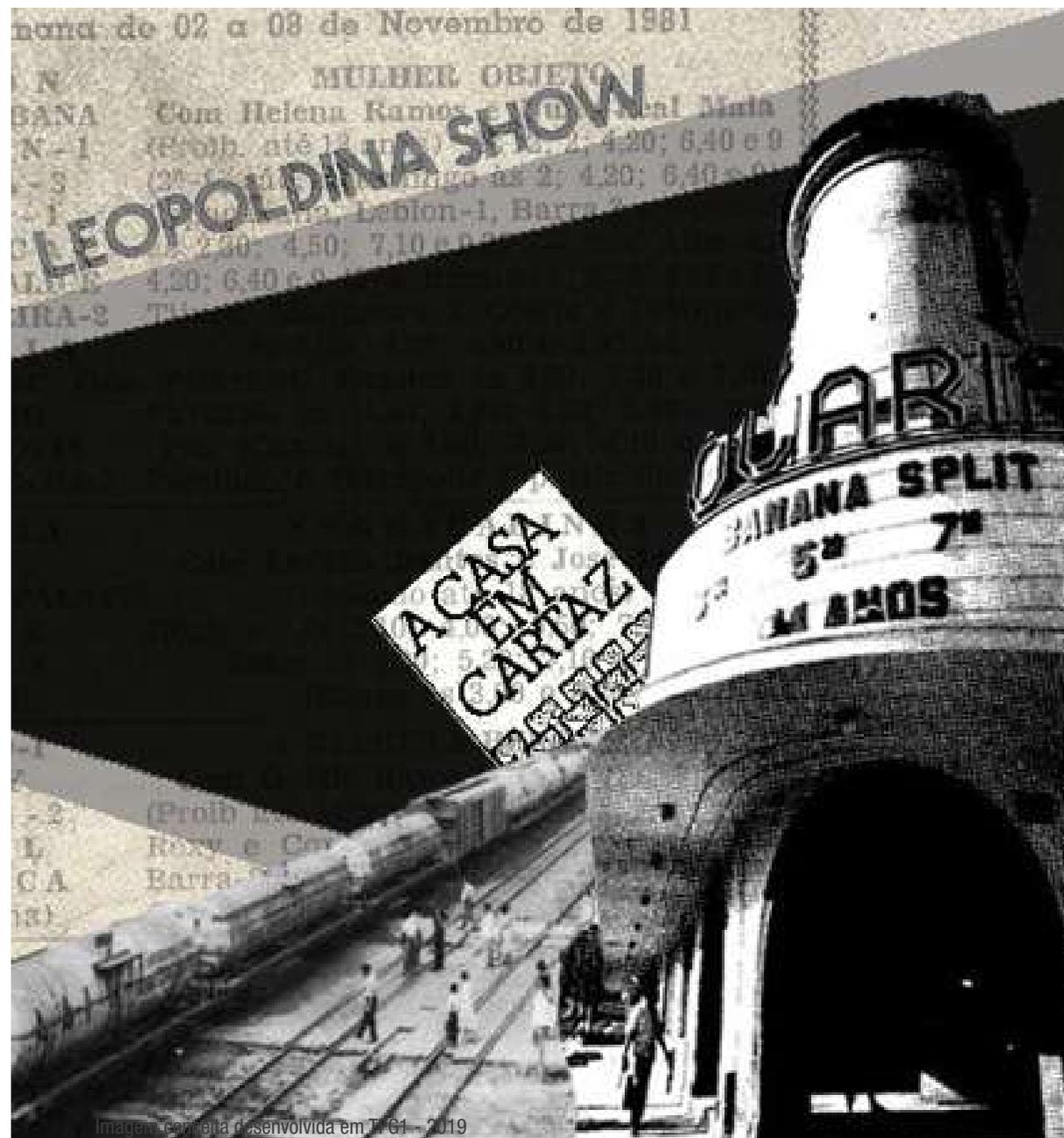
O presente caderno se estrutura em 5 capítulos, que buscam conduzir a linha de pensamento para o projetar do edifício. O **capítulo um** introduz o tema de pesquisa e insere resumidamente o contexto e projeto proposto, pincelando problemáticas, objetivos, justificativas e metodologia.

O **segundo capítulo** consiste no levantamento teórico desenvolvido ao longo dos períodos de TFG1 e TFG2, discutindo acerca do tema, tanto a historicidade dos cinemas quanto o contexto histórico da criação do Cine Olaria e sua dinâmica em relação à cidade. Traz-se também uma breve revisão sobre conceitos de preservação e restauração, apresentando os fundamentos teóricos que dão subsídio para o projeto.

O **terceiro capítulo** tem como objetivo contextualizar a área de intervenção do projeto, identificação da paisagem, dinâmicas sociais e fluxos.

No **capítulo quatro** encontra-se o projeto, que se divide em duas etapas: O Projeto de Restauração, com o mapeamento de danos, projeto de recuperação da fachada com a proposição de programa e usos; E o Projeto Arquitetônico com a implantação do anexo, que busca setorizar e indicar seus usos com o aprofundamento no desenvolvimento das habitações.

O último capítulo traz as considerações finais, com a conclusão e, por fim, apresenta-se a bibliografia.



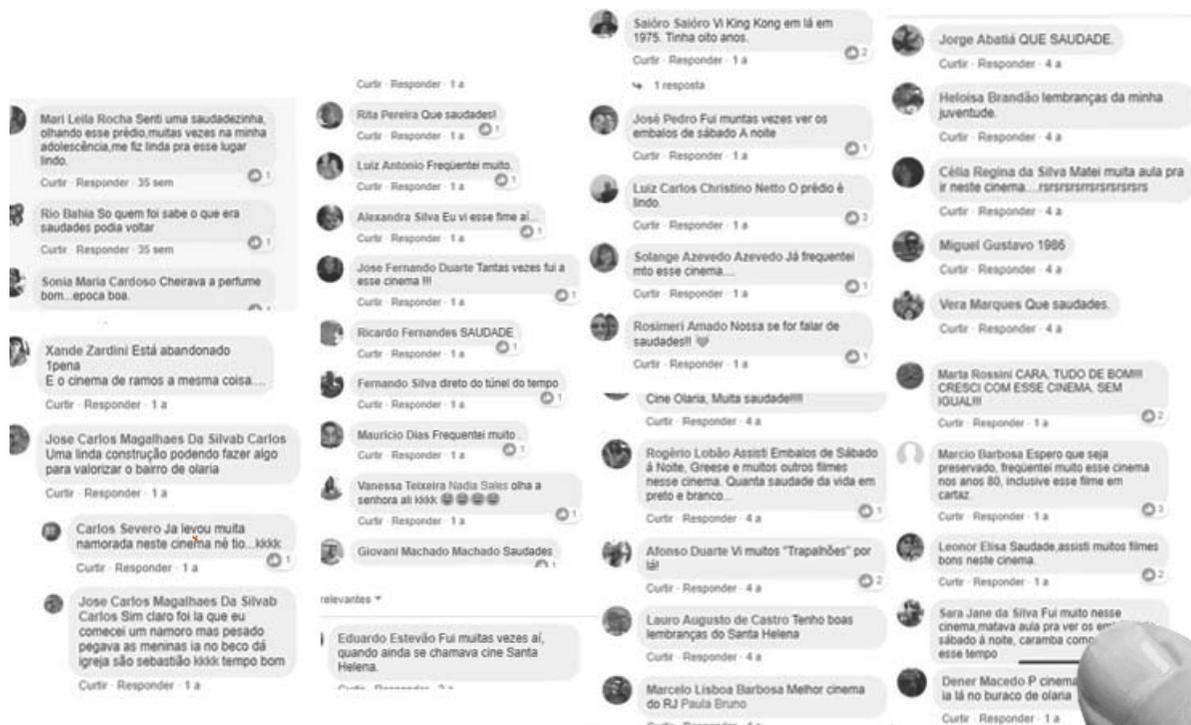
INTRODUÇÃO

O Cine Olaria, inicialmente nomeado Cinema Santa Helena, foi um cinema de rua inaugurado em 1942 em um contexto urbano onde vários cinemas de rua já funcionavam pela cidade, inicialmente como construções efêmeras e, por conseguinte, em construções mais sólidas, luxuosas em pequenos palacetes. A projeção foi uma febre entre os comerciantes e o público. As práticas sociais modernas encontraram no cinema o representante ideal do mundanismo que a qualquer custo se queria experimentar. Com mérito, o cinema foi a grande expressão de uma cultura urbana, que pregava a estimulação corporal e mental por meio de atividades de diversão e entretenimento.

Com o passar dos anos devido à insegurança na rua, problemas administrativos, concorrência com shoppings e multiplex muitos cinemas fecharam. Alguns sofreram adaptações e incorporaram novos usos enquanto que outras salas encontram-se até hoje com as portas fechadas. O Cine Olaria, desativado em fevereiro em 1998, encontra-se fechado e serviu de depósito durante anos. Em 2015 o edifício foi tombado pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH) devido ao reconhecimento de sua arquitetura representativa dos cinemas de rua e representação de cultura de uma época.

A edificação está localizada na Rua Uranos número 1474, no centro do bairro de Olaria, próximo a estação de trem e BRT, e a sede do bloco Cacique de Ramos - com grande valor histórico e cultural para o samba e cidade do Rio de Janeiro. Palco de uma agitada vida urbana, seu acesso principal era dado pela esquina da Uranos com a Travessa Etelvina, com duas saídas pelas laterais. A nave principal, localizada no centro do terreno, funcionava uma ampla e luxuosa sala de projeção e em suas bordas localizavam-se, no pavimento térreo, lojas e no pavimento superior apresentava uso misto, com moradias e alguns escritórios. Por ser um edifício tombado pelo IRPH deve ser mantida sua volumetria externa, preservando suas fachadas, acessos e esquadrias. Caso seja edificado um anexo mais alto que a cumeeira, ele deve ter um afastamento de 7 metros de distância das fachadas existentes.

Como herança do passado, este edifício está impregnado de história envolvendo as pessoas e o seu entornos, representando o lugar onde a memória se cristalizou. Devido à sua importância histórica, pretende-se requalificá-lo e ativá-lo, adequando o edifício a diferentes atividades, para que seja um grande ponto atrativo na região. Almeja-se que assim torne-se ponto de confluência no bairro, criando um equipamento coletivo de lazer, cultura e habitação que promova encontros e crie-se uma atmosfera de socialização e permanência.



A Proposta de trabalho vem a partir de uma inquietação da autora pelo abandono de um edifício de grande importância para o bairro e para o desenvolvimento cultural do mesmo, acrescida da insatisfação pela falta de atuação para preservação de patrimônios históricos presentes na cidade e principalmente nas áreas de subúrbio, visto que os projetos de proteção ao patrimônio se desenvolvem mais na área turística da cidade, como zona sul e centro.

OBJETIVO

O trabalho tem como objetivo a Revitalização do Cinema de Olaria, bem tombado pelo IRPH, e a implantação de um anexo, reativando um espaço que se encontra fechado a mais de 30 anos e em processo de degradação, tornando o edifício um ponto de confluência para o bairro. O projeto contempla espaços de lojas, restaurantes, cinema, habitação e uma praça interna, criando um oásis urbano com espaços públicos de qualidade para o bairro, reintroduzindo a importância histórica do edifício, reavivando a memória e sentimento de pertencimento ao lugar e promovendo um uso adequado e dinâmico.

02

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Princípios do restauro

Memória e pertencimento

Contexto dos cinemas de Rua na era moderna

Cine Olaria e suas dinâmicas.

PRINCÍPIOS DE RESTAURO

Ao longo dos anos diversos teóricos formularam os documentos conhecidos como Cartas Patrimoniais, que discorrem sobre a conservação e a restauração de monumentos, princípios que norteiam até hoje as propostas voltadas à preservação de bens preservados. Segundo Beatriz Kuhl, a preservação é motivada pelo fato de serem reconhecidos nos bens o significado cultural, ou seja, seu valor histórico, artístico, memorial ou simbólico, o que torna a tomada de medidas necessárias de forma que estes bens possam perpetuar para as próximas gerações e continuem a ser documentos fieis e efetivos, suportes do conhecimento e da memória coletiva (KUHL,2008)

Cesare Brandi, arquiteto italiano e crítico de arte, fundamentou o denominado 'restauro crítico' nos anos 1940. O livro "teoria da Restauração" sintetizou seus escritos onde estabeleceu parâmetros para restauração de obras de arte. Esta obra permanece como um texto fundamental, e seu princípios são pertinentes às questões da preservação ainda hoje. Ele define os princípios:

- Distinguidabilidade , de forma que o observador não confunda as intervenções realizadas com os elementos originais;
- Reversibilidade, para que a restauração não impeça qualquer intervenção futura, respeitando suas épocas e seus aspectos originais.
- Mínima intervenção , nao descaracterizando)

Compatibilidade de técnicas e matérias, aplicando ferramentas que não sejam nocivas ao bem.

Camilo Boito, arquiteto e historiador, definiu o denominado 'restauro científico', segundo o qual o monumento é considerado um documento onde as intervenções propostas para a restauração devem ser embasadas em provas, pesquisas históricas em arquivos, livros, gravuras e na análise da edificação. Caso ocorram novas intervenções, devem-se distinguir da original integrando-se harmoniosamente ao Bem, através de emprego de matérias que não alterem a composição do edifício original. Os princípios básicos da restauração segundo Boito são:

- Diferença de estilos entre o novo e o velho;
- Diferença de materiais da construção;
- Supressão de linhas ou ornatos;
- Exposição das velhas partes removidas nas vizinhanças do monumento;
- Incisão, em cada uma das partes renovadas, da data de restauração ou de um sinal convencionado;
- Epigrafe descritiva gravada sobre o monumento;
- Descrição e fotografia de diversos períodos da obra expostas no edifício ou em local próximo a ele.

A preservação abarca um conjunto de ações de reconhecimento e proteção como inventários, cadastros, educação patrimonial, conservação, manutenção e restauração. A carta de Veneza de 1964 classifica procedimentos de preservação, sendo elas:

- Manutenção ou reparos: Ações cotidianas e periódicas visando sanar e reparar problemas que aparecem na edificação.
- Conservação: Exige manutenção permanente favorecendo o destino do edifício a função útil a sociedade respeitando a disposição e decoração do edifício.
- Restauração: Operação que tem por objetivo conservar e revelar valores estéticos e históricos do

monumento e fundamenta-se no respeito ao material original ao documento idêntico. A restauração sempre será precedida e acompanhada de um estudo arqueológico e histórico do monumento.

Contando com a contribuição de ambos os arquitetos citados, a carta de Amsterdã elaborada em 72, estabelece o processo necessário que deve preceder o projeto de restauro: Realizar estudos aprofundados sobre o monumento, identificando seus aspectos formais, estéticos, decorativos, tipológico estruturais e construtivos identificando eventuais intervenções através de levantamentos iconográficos, bibliografia, observações, fotografias e cadastro do bem.

Intervir em um bem de interesse cultural que possuem papel de memória e representatividade é um ato de muita responsabilidade, pois se tratam de equipamentos únicos. O interesse do coletivo deve ser considerado para garantir maior usabilidade do bem, promovendo sempre a manutenção, seu uso e sentimento de pertencimento pelo equipamento.

A requalificação do bem apresenta propostas de recuperação e valorização das origens e representações sociais, incluindo a população em novos espaços, onde as relações sociais seriam estabelecidas e reforçadas por novas funções urbanas.

Ao reabilitar um edifício, bem como sua reutilização deve-se prever a flexibilidade e adaptabilidade, o adaptando para diferentes funções. Deve ser analisado as formas de contexto e conexão com a realidade inserida, reintegrando o edifício ao contexto no qual ele se insere.

MEMÓRIA E SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

A valorização do patrimônio pela sociedade está relacionada com a memória. A memória é o principal mecanismo de construção de identidade e afetividade. A memória coletiva é um conjunto de lembranças compartilhadas por grupos sociais e espaciais e temporalmente situados, e se enriquece por tratar-se muitas vezes de diversos pontos de vista sobre o mesmo fato social.

A importância do patrimônio está na possibilidade de aqueles que não viveram naquela época, de entenderem o espaço urbano, os remanescentes materiais e culturais, os testemunhos de experiências vividas, o legado e as modificações no tempo, e assim, ampliar o sentimento de pertencer a um mesmo espaço, de partilhar da mesma cultura e desenvolver a percepção de um conjunto de elementos comuns que formam a identidade coletiva (CASTRO, MONSTIRSKY)

Como herança do passado, estes edifícios estão impregnados de história envolvendo as pessoas e o local onde estava inserido, representando o lugar onde a memória se cristalizou.

A arquitetura e os lugares da cidade constituem o cenário onde nossas lembranças se situam e, na medida em que as paisagens construídas fazem alusão a significados simbólicos, elas estão evocando narrativas relacionadas às nossas vidas. Projetar um espaço e ressignificá-lo de acordo com a demanda da comunidade ajuda a construção da memória do lugar e pode fazer com que as pessoas se reconheçam criando identidade e sentimento de pertencimento.

CONTEXTO DOS CINEMAS DE RUA NA ERA MODERNA

Cinema é a arte que tem capacidade de captação a “imagem-movimento”, não estáticas, como é o caso da fotografia define . A captura da “imagem-movimento” foi possível a partir de 1889 com a criação do cinetoscópio por William Dickson, assistente do cientista e inventor americano Thomas Edison. Esse invento e os modelos que o sucederam na década seguinte contribuíram para o desenvolvimento do cinema .

O cinema, portanto, teve origem no cinetoscópio, que a princípio não projetava as imagens em telões. O espectador do cinetoscópio tinha de observar (durante um tempo-limite de 15 minutos) as imagens no interior de uma câmara escura por meio de um orifício em que colocava um dos olhos. O cinematógrafo acabou por ser patenteado pelos irmãos Lumière que, a partir de 1895, passaram a fazer várias produções cinematográficas de pequena capacidade e exibí-las em sessões especiais para isso.

A primeira exibição de filme feito por Auguste e Louis Lumière ocorreu em 22 de março de 1895. O filme era intitulado “La Sortie de L’usine Lumière à Lyon” (A saída da Fábrica Lumière em Lyon) e registrava a saída dos funcionários do interior da empresa Lumière, na cidade de Lyon, na França. Foi ainda com os irmãos Lumière que começaram as primeiras “direções cênicas” para o cinema. O cinematógrafo logo passou a registrar não apenas cenas do cotidiano, mas também cenas dramáticas, elaboradas com certo nível de teatralidade, como bem atesta o sociólogo Edgar Morin na obra “O Cinema, ou O homem imaginário”: Somente no início do século XX que o cinema viria a se afirmar enquanto arte. Um dos principais nomes dessa fase do cinema foi Georges Méliès, que dirigiu “Viagem à Lua”, em 1902, conseguindo com esse filme efeitos visuais verdadeiramente impressionantes para a época.

O CINEMA NO BRASIL

Era julho de 1896, Rua do Ouvidor número 56, em uma sala de 54 metros quadrados que o Rio de Janeiro presencia sua primeira projeção. No ano seguinte, Paschoal Segreto e José Roberto Cunha Salles criaram uma sala de exibição na Rua do Ouvidor. Em 1898, ocorrem as primeiras filmagens com cenas da baía da Guanabara. No entanto, somente em 1907, com a chegada da energia elétrica é que o cinema pode se desenvolver.

Na época, as produções retratavam fatos do cotidiano carioca, principalmente casos policiais verídicos. Em 1912, Francisco Serrador, Antônio Leal e os irmãos Botelho se unem para criar filmes mais elaborados, com cerca de uma hora de duração. Nesse período, o cinema nacional era o grande momento do jornalismo, com documentários e cinejornais. A imprensa teve um grande papel para a popularização do meio que, nos anos 20, consegue melhorar a qualidade da produção do cinema mudo, ampliando também o ritmo da produção.

O cinema ocupou de forma abrangente diversos bairros cariocas. As primeiras exibições ocorreram em sobrados adaptados na região central da cidade. Ao longo do tempo, os demais bairros mais afastados do centro (zona norte, zona sul e zona oeste) passaram a ter seu próprio cinema. O ar de surpresa dos primeiros e poucos espectadores cedeu lugar ao encantamento do grande público. Os edifícios tornaram-se importantes símbolos para a memória e identidade dos bairros e da cidade.

Desde o surgimento da primeira sala de exibição no Rio de Janeiro, os espaços próprios para a exibição de

filmes atravessaram uma história que lhes permitiram conhecer o momento áureo e o seu declínio. Após um período de experimentações e itinerâncias, a atividade cinematográfica se expande por toda a cidade, e para além da região central, diversos bairros tiveram suas próprias salas. **A história de cada bairro esteve, de certa forma, atrelada a um destes edifícios que se tornaram forte referência local.** O hábito de assistir aos filmes e a importância com que foi tratada esta forma de entretenimento puderam ser traduzidos em sua arquitetura.

CINEMA COMO PONTO DE ENCONTRO

A presença de um cinema, com entradas e saídas voltadas diretamente para as vias, era um convite para que mais e mais pessoas frequentassem as ruas.

Passar pela porta do cinema e ver da calçada os letreiros com horários de sessões, entrar na sala, pagando ou não pelo ingresso, sair do filme e se deparar com a efervescência do meio.

Para compreender melhor como funcionavam os cinemas de rua precisamos entender o contexto histórico, urbano e social da época. Os mais ricos moravam em casarões e palacetes e, às vezes, mantinham casas de campo. Já os mais pobres, habitavam cortiços espalhados pelo Centro, os quais logo desapareceriam quando o prefeito Pereira Passos empreendeu a maior reforma estrutural já vivida pela

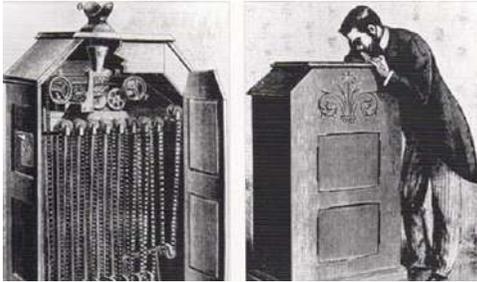
cidade. No início do século XX o Rio de Janeiro sofre uma avalanche de transformações, com o intuito de romper com a imagem colonial que a cidade ainda tinha.

A Capital não podia mais conviver com problemas de falta de higiene, doenças e ruas insalubres, e se fazia necessária uma renovação urbana. No fim do século XIX foi concebido um plano de melhoramentos para a cidade, que ganhou força na gestão do então de Pereira Passos, entre os anos de 1902 e 1906. Durante estes quatro anos as obras de transformações urbanas teriam a participação da União, já que neste período o Rio de Janeiro era a Capital Federal. A obra mais emblemática que veio a transformar este cenário foi a abertura da Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), que foi possível após a demolição de diversos sobrados que ocupavam a Região.

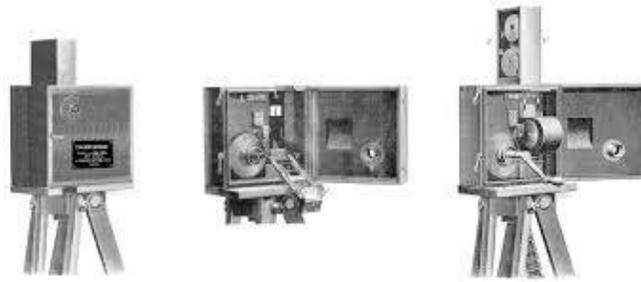
A figura das praças neste urbanismo seminal foi atrelada à possibilidade de encontros entre as pessoas. Na verdade, a especificidade desses pontos na história do urbanismo sempre foi a de um local privilegiado para contágios. Assim, nos primeiros tempos surgiram hábitos que expandiram o meio de convivência social, antes restrito aos salões coloniais e ao ambiente familiar. **Além das praças, ruas, avenidas, parques e de uma série de cafés, restaurantes, bares, teatros, os pavilhões voltados a grandes feiras e os cine-teatros também excitaram a vida urbana da cidade.**

Na fase de modernização do Rio de Janeiro o cinema apareceu como um fator importante nas relações entre pessoas e espaço urbano, em meio à formação sócio espacial da cidade. Oferecida ao lado de outros atrativos artísticos, a exibição de imagens capturadas em movimento, na forma tela-espectador-projetor, foi uma febre entre os comerciantes e o público a partir da primeira década do século XX.

130 anos de história



Em 1889 Thomas Edison e Willian Dickson criam o cinetoscópio. O espectador tinha de observar as imagens por meio de uma lente semelhante a um microscópio. Um dos vídeos mais famosos registrados pelo cinetoscópio era o de um homem espirrando.



Auguste Marie Louis Nicholas Lumière e Louis Jean Lumière criam o cinematógrafo evolução do cinetoscópio, onde foi possível imagens em movimentos através de planos de imagens em preto e branco sem som.

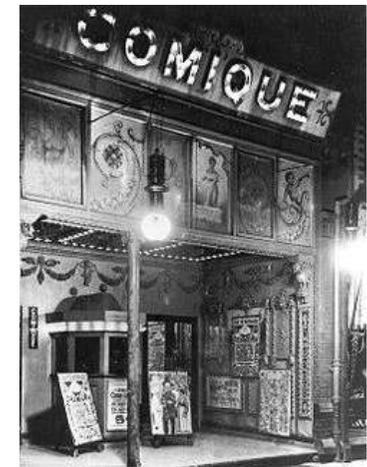


Foto de primeiro nickelodeon em 1902





Lançamento de grandes cinemas de rua, com amplas salas compostas por um grande auditório e mezanino. Salas chegavam a comportar um público de aproximadamente 1000 pessoas



Surgimento de cinemas multiplex. Devido a grande produção cinematográfica viu-se uma demanda de criar cinema com diversas salas para poder exibir diferentes filmes simultaneamente



Modernização dos cinemas em quesito imagem e audio, além da tecnologia 3D e 4D proporcionando ao telespectador maior imersão aos filmes aris, dezembro de 1885 Auguste Marie Louis Nicholas Lumière e Louis Jean Lumière criam a primeira película



Com a pandemia em 2020 grandes empresas começaram a promover eventos de cinema estilo drive-in

O CINE OLARIA

Fechado a mais de 20 anos, bem tombado pela prefeitura em 2015, o Cine Olaria foi construído em 1920 inicialmente como Cine Santa Helena, ocupando um quarteirão inteiro com cerca de 3000 m² de área construída, abrangendo lojas, habitação e a sala de projeção com 877 lugares. Foi cenário de grandes encontros, socialização e interação dos moradores da Leopoldina. Foi um dos principais cinemas da região da Leopoldina, sendo o primeiro cinema estereofônico da região. Um grande saguão e uma luxuosa sala de projeção marcou sua estreia como um grande cinema, sendo de grande sucesso.

Relatos de moderadores diziam que na época em que o cinema funcionava existia uma intensa vida urbana da região. Em seu entorno funcionavam diversas lojas, casas de festas, mercado entre outros. As vezes o início da noite começava com amigos se encontrando no cinema e esticando a noite para o samba no Cacique de Ramos, a duas quadras do edifício.

LEOPOLDINA SHOW

Continua em exibição, no cine Olaria (Rua Urano, 1416, "Amor estranho amor", filme dirigido por Walter Hugo Khouri. No elenco, Vera Fischer, Tarcila Mello, Xuxa Henningh e Mauro Mendonça, entre outros.

CINEMA

Relação dos filmes em cartaz nos cinemas da Leopoldina:

Olaria — (R. Urano, 1416) — "Amor estranho amor" — De Walter Hugo Khouri. Branstetter, Cor. Com Vera Fischer, Tarcila Mello, Xuxa Henningh, Mauro Mendonça. 14h, 16h30 e 18h30. Horário: 14h, 16h30; 18h30 e 21h, 18 anos.

Ramos — (R. Leopoldina Rega, 50) — "Tosca (o cachorro)" — De Ana Carolina. Branstetter. Com Lina Sisti, Antônio Fagundes, Zeca Balega, Chico Lacerda, Paulo Sérgio de Almeida, Patrícia Basso, Orlan, Flávia Siqueira, Zorion e Cristina Pereira. Horário: 18h, 19h, 21h e 23h. 18 anos.

São Geraldo — (R. Dr. Alberto Barcelos, 572 — Olaria) — "Programa" — "A rabo de andorinha" e "Os dentes molares de Bambi". Horário: 15h, 18h e 21h. 18 anos.

Ramos — (R. Leopoldina Rega, 50) — "Poltrona" e "Inimigos" — De Tobe Hooper. Amarelo. Cor.



Após o sonho, colégio fecha



No Olaria, quem chegou antes das 15h, tem uma surpresa no bilheteiro

Um cinema como se deseja. E com ingressos em conta

A Leopoldina já foi servida, construído e tem sido mantido em estado de conservação. O lançamento programado para o cinema é o filme "Amor estranho amor" de Walter Hugo Khouri.

IMAGEM X: Foto retirada do acervo no site jornal O GLBO

E o vento não levou a saudade dos nossos antigos cinemas

Foto de Beth Santos



TÂNIA LAZZOLI

Onde, há alguns anos, Vivien Leigh, Fred Astaire, Oscarito e Clark Gable fizeram chorar, rir, suspirar ou vibrar milhares de pessoas, hoje pode-se comprar carne, legumes, móveis, fazer depósito bancário ou simplesmente entulhar papel e lixo. Segundo dados do Conselho Nacional de Cinema (Concin), 22 salas de exibição foram fechadas na Leopoldina nos últimos tempos. Nos locais onde funcionavam, hoje existem bancos, supermercados, discoteca e depósitos.

O único que cedeu espaço para outra casa de espetáculo foi o Paraiso, na Praça das Nações, onde funciona o Teatro da Suam. Resistindo à especulação imobiliária, continuam em funcionamento os Cines Olaria (ex-Santa Helena), Ramos e o precário São Gerardo, em Olaria.

Inaugurado em 1938, o Cine Ramos, na Rua Leopoldina Rega, conta com 1.212 lugares e já foi considerado um dos melhores da região. O cinema esteve fechado durante três anos e só foi reaberto há um ano e meio, depois que a Distribuidora Luiz Severiano Ribeiro o comprou de Livio Bruno S.A.. Algumas reformas foram feitas, mas a sala ainda não dispõe de ar condicionado e suas cadeiras são de madeira.

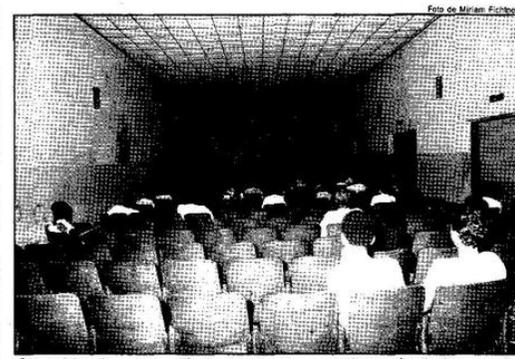
Durante muitos anos, o Cine Ramos foi frequentado por famílias tradicionais, que se divertiam vendo os grandes astros do cinema. A partir da década de 70, vários concorrentes fecharam suas portas, desaquecendo o mercado. A sala passou, então, a exibir filmes de baixa qualidade, do gênero pornô. Há algum tempo, a Distribuidora Luiz Severiano Ribeiro resolveu restringir esse tipo de filme a apenas dois cinemas

do Centro. Com isso, o Olaria recuperou prestígio e voltou ao seu antigo ambiente familiar.

No momento, com ingressos a C28 120 (na Tijuca, cobra-se o mesmo, enquanto na Zonal Sul o preço é de C28 150), está em cartaz o filme "Banana split", de Paulo Sérgio de Almeida, com Myriam Rios e Marcos Fraga.

Segundo o gerente Orlan Luis de Souza, o cinema consegue manter, diariamente, uma boa média de espectadores.

O público não gosta de pornões. Quando passamos bons filmes, além de atuais, formam-se filas. Os brasileiros não fazem muito sucesso e os policiais agradam mais. A geração agora é outra, mas os antigos frequentadores ainda comparecem — afirma.



Com cadeiras de madeira, o São Geraldo oferece pouco conforto e só exhibe filmes pornôs

Foto de Miriam Finkler

São Geraldo: dos grandes astros às estrelas pornôs

O Cine São Geraldo, na Rua Alfredo Barcelos, em Olaria, também já exibiu grandes astros do cinema. De propriedade de Fernando Loureiro Ferraz, hoje é classificado como "poetinha" e só exhibe filmes pornôs e de baixa qualidade.

Com 400 lugares, ingressos a C28 70, cadeiras de madeira e sem sistema de refrigeração, o prédio, que ano passado teve sua fachada reformada, necessita de obras de recuperação: o interior apresenta infiltrações, gotas e não tem assoalho.

Pelo preço que cobra, não posso oferecer muito. Se aumentar o preço do ingresso, fico sem público. Não recebo qualquer apoio. A Embrafilme, se puder, prejudica. Não podemos ter falhas. Se deixarmos de passar um trailer, ela não perdoo. Além disso, a bobina de ingressos é paga em forma de imposto. Por entradas de C2570, pago C28 3 mil — reclama Fernando.

Atualmente, com o Concin, não houve fiscalização que anteriormente era feita pela Embrafilme. Fernando se diz mais satisfeito.

O Concin trabalha de forma mais humana, atuando de acordo com a condição de cada exibidor.

Com uma média de 200 pessoas por dia, sendo 90 por cento de homens, o São Geraldo apresenta três sessões, com dois filmes cada, que ficam em cartaz por apenas uma semana. Na semana passada, foram exibidos "Os amores de um pistoleiro" e "Terror no espaço". Ex-o-rives e aficionados por cinema, Per-

nando conta porque o São Geraldo só exhibe filmes eróticas.

— Os cinemas pequenos não têm o privilégio de fazer lançamentos. Os grandes distribuidores e exibidores não permitem. Além disso, filmes de sucesso só são liberados através de porcentagem. Se eu tiver que pagar 50 por cento da bilheteria para o distribuidor, vou ter prejuízo. O que adianta exibir um filme dos Trapalhões, por exemplo, depois que todo mundo já assistiu? Por outro lado, as pessoas não vão ao São Geraldo ver esse tipo de filme, pois o cinema é tido como exibidor de filmes pornôs.

Fernando recorda os áureos tempos em que atraía 400 pessoas por dia, com a exibição de filmes como "Romeu e Julieta" e "O grande guerreiro".

— Foi o lançador do cinematógrafo no Rio, em 1893. Nem me lembro mais do filme. Infelizmente, o cinema não é mais o mesmo. A televisão roubou muitos frequentadores e acho que também foi responsável pelo fechamento de muitas salas. Hoje, ela passa boas fitas e recém-lançadas. A novela também é um grande concorrente nosso — avalia.

Morando numa espaçosa casa de três andares, a poucos metros do cinema, Fernando, português da cidade do Porto, diz que não enriqueceu com o estabelecimento.

— Pensando no futuro, com o dinheiro que ganhei, procurei apenas fazer algumas construções — conclui.

Nos últimos anos, 22 salas foram fechadas

Os antigos moradores da área recordam, com saudade, dois cinemas que, em outros tempos, eram frequentados por famílias e apaixonados casais de namorados. É o caso de Ramiro José Gravino, de 46 anos, nascido e criado em Olaria.

— Era frequentador assíduo de todos os cinemas. O maior era o São Pedro, com quase três mil lugares, onde vi "Os dez mandamentos" e "Clópeatra". O mais bonito era o Mauá, em Ramos, igualzinho ao céu, cheio de estrelas nas paredes e no teto. Namorei muito nesses cinemas. Eles tinham um clima aconchegante, pois todos os frequentadores se conheciam. Tenho saudade daquele tempo. A juventude era tranquila e não havia violência. Para recordar os bons tempos, até hoje vou ao Olaria — conta.

Para Conceição dos Santos Farias, de 39 anos, moradora da Penha há 25, as autoridades

sonando o fechamento de várias salas de exibição.

— Público é o que não falta. É só passar um bom filme que os cinemas ficam lotados. Mas, infelizmente, isso não é comum por aqui. Para assistir a bons filmes, temos que ir ao Centro, Tijuca ou Zonal Sul. É triste pensar que no lugar das antigas salas hoje existem supermercados e bancos — lamenta.

A região da Leopoldina perdeu, nos últimos tempos, nada menos que 22 salas de exibição. Foram elas:

Ramos: Mauá (atualmente uma agência bancária) e Ramos (hoje usado como sala de

Bonsucesso: Paraiso (teatro da Suam), Melo Bonsucesso (Casa Sendas) e Rio Palace (depósito da Papelaria Americana e, atualmente, abandonado).

Olaria: Oriente — inaugurado em 1908, era o mais antigo (hoje é uma agência bancária).

Penha: São Pedro (estacionamento, atual agência bancária); Leopoldina (discoteca Le Palace, no momento, fechada) e Central.

Higienópolis: Palácio Higienópolis (depósito de móveis).

Vila da Penha: dois fecharam, dando lugar a um supermercado e uma serralheria.

Parada de Lucas: São Lucas.

Vista Alegre: Vista Alegre, Vila Kosmos; Santa Maria e Maril.

Brás de Pina: Carmoli, Santa Cecília e Melo Praça do Carmo.

Cordovil: Cordovil.

São Cristóvão: Flominese (sua sede de atividades de

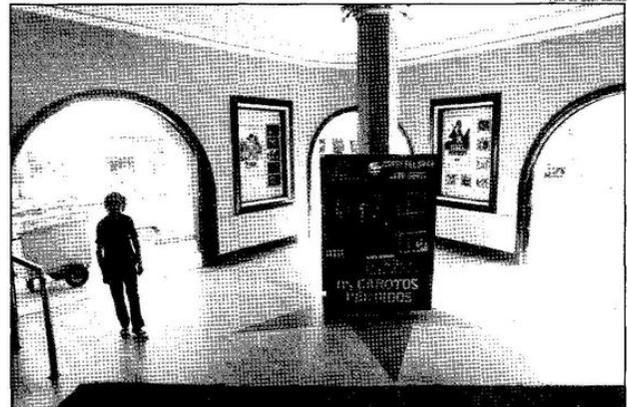


Foto de Beth Santos

'No Mauá havia estrelas no teto e nas paredes: era igualzinho ao céu'

RAMIRO JOSÉ GRAVINO

Seu declínio começou junto com outros cinemas de rua, quando as ruas começaram a se tornar mais violentas e as pessoas começaram a ter medo de sair de casa. Nas casas da família agora também abriam-se espaço para televisões, com diversos programas, noticiários e novelas.

Outro fator importante foi o sucateamento do cinema. Com a eclosão de diversos gêneros de filmes a atual estrutura já não conseguia comportar as novas demandas. Os administradores optavam por filmes mais baratos não agradando a população que se deslocava para centro e tijuca para assistir os novos lançamentos de sucessos. Com o surgimento do multiplex com salas mais modernas com aparência high tech junto aos shoppings que vendia uma imagem de um ambiente mais seguro e climatizado, provocou o esvaziamento das ruas e dos cinemas de rua. O cine Olaria foi um dos cinemas de rua que mais resistiu e em fevereiro de 1997 fecha suas portas. Desativado até hoje, é um símbolo da época cinematográfica ficando como patrimônio para região.

Em 2011 ocorreram negociações junto a secretaria do estado para a implantação de um centro cultural que contaria com um museu digital, salas de cinemas e bares estilo duplex junto a via de pedestres na travessa etelvina e lojas voltadas a Rua Uranos. O projeto foi orçado em 9 milhões de reais porém nunca foi para frente.

Em 2015, foi determinado seu tombamento definitivo pela prefeitura que pode ser conferido junto ao decreto RIO Nº 41185:

“O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso das atribuições que lhe são

conferidas pela legislação em vigor e; CONSIDERANDO a importância da cultura cinematográfica da cidade e de sua influência para o resto do país;

CONSIDERANDO que o prédio do antigo Cine Olaria é um raro remanescente dessas construções no subúrbio

carioca;

CONSIDERANDO a importância do antigo Cine Oriente na implantação da atividade cinematográfica na cidade do Rio de Janeiro;

CONSIDERANDO a necessidade de se adotarem medidas de proteção para as salas de espetáculos que apresentem valor arquitetônico na cidade do Rio de Janeiro;

CONSIDERANDO os estudos realizados pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade – IRPH;

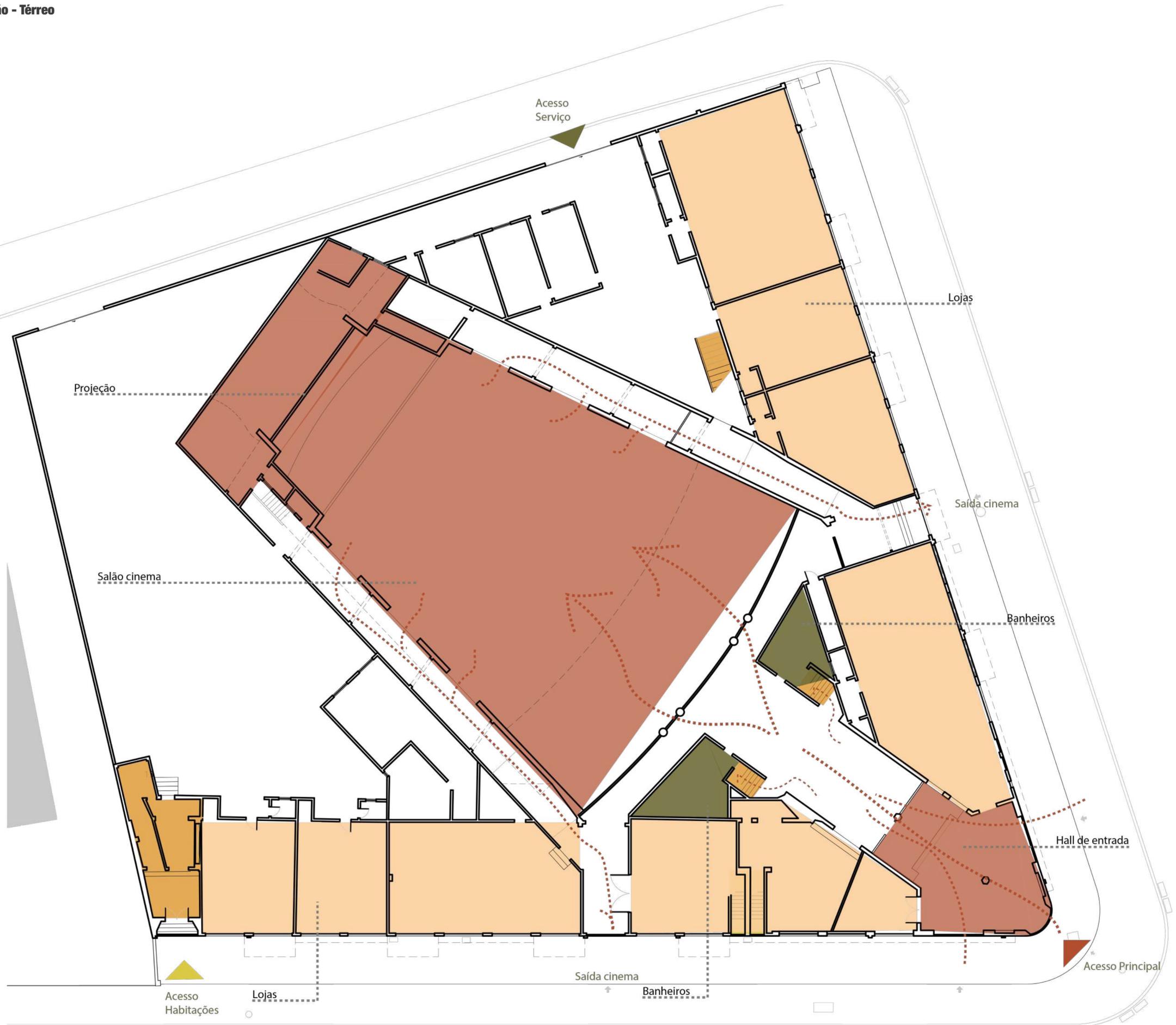
CONSIDERANDO os pronunciamentos do Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, contidos no processo 22/000409/2006”

Em 2016, a empresa Sérgio Castro Imóveis, consegue aprovação de projeto junto a prefeitura com flexibilizações. Com projeto da RAF ARQUITETURA é

proposto a demolição da caixa do cinema no miolo do terreno e mantida fachada, como previsto no decreto de tombamento. O projeto contemplaria salas de cinema no térreo junto a galeria e um grande torre residencial no centro do terreno. O projeto foi alvo de críticas devido ao grande contraste da torre com a região. As obras se iniciaram em 2017 e era previsto o lançamento das galerias em 2019, porém suas obras estão paradas desde 2018. Apesar da obra parada, já podemos notar seus rastros com a demolição da caixa do cinema e intervenção nas fachadas.



Planta de cadastro do Cine Olaria e setorização - Térreo





03

ESTUDO DA ÁREA

Localização, o bairro e dados gerais

Morfologia Local

Acesso, mobilidade uso do solo

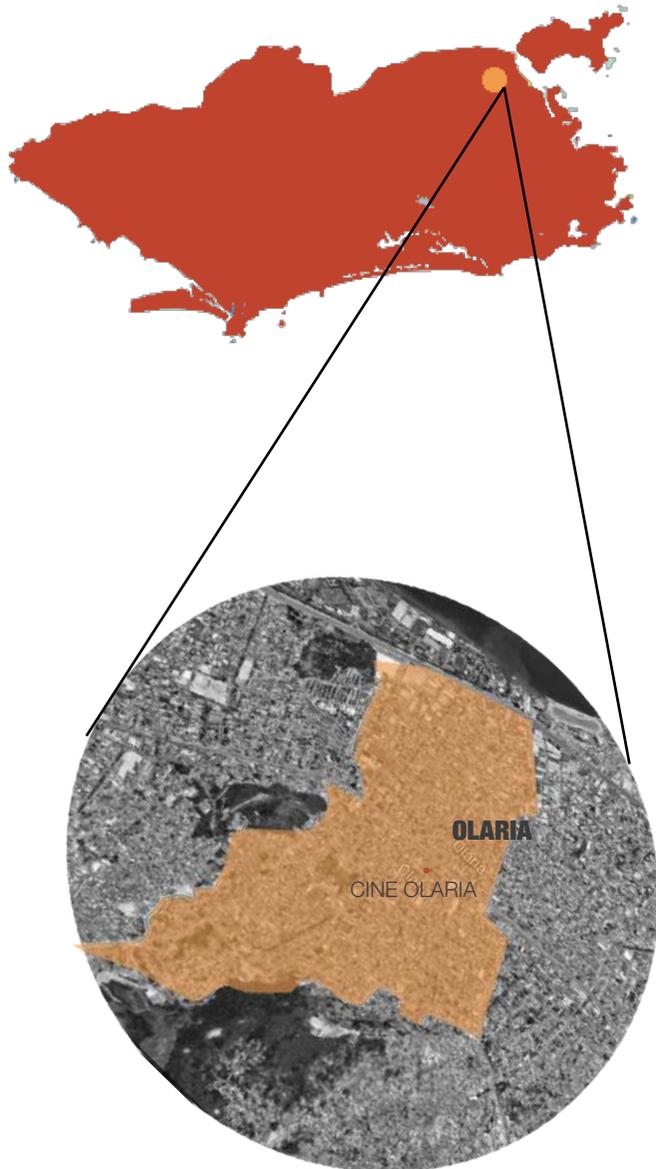
Aspectos Culturais e Sociais

O bairro de Olaria localiza-se na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, em uma região conhecida como zona leopoldina (compondo esta zona com os bairros penha, ramos e bonsucesso). A origem do nome Olaria deu-se em virtude dos senhores de engenho, que mantinham, no local, inúmeros desses fornos, sendo a primeira olaria construída em 1821 por iniciativa da família Ferreira, aproveitando a abundância de barro oriundo do Morro do Alemão, pertencente àquela época à dita família, muitos tijolos usados para construções da época advinham do bairro. Por volta de 1886, o desenvolvimento da região foi marcado pela locomotiva de ferro da Estrada de Ferro do Norte. A estação de trem do bairro, nomeada Pedro Ernesto na época, foi uma das primeiras a serem construídas e inauguradas. Com a ferrovia, as olarias primitivas tornaram-se potências econômicas que caracterizavam o bairro, atraindo diversas fábricas do ramo e tornando o bairro conhecido como região das olarias. Mantendo-se a tradição o bairro passou a ser

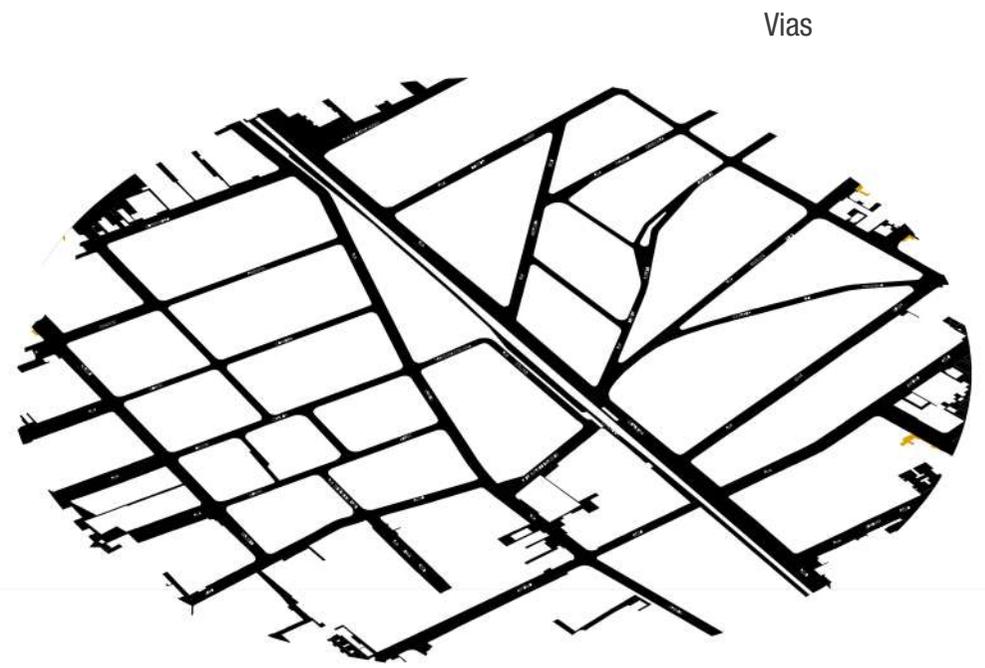
conhecida como Olaria.

Com a construção da Avenida Brasil, determinou a integração definitiva de Olaria à cidade, sendo que esse traçado acabou destruindo importantes vestígios da história preexistente do bairro. No auge dos cinemas de rua nos anos 40 na cidade do Rio de Janeiro, o bairro contava com diversas salas, como: Cinema Santa Helena, Cinema Rosário, Cinema Oriente, Cinema São Geraldo, entre outros.

O bairro hoje tem caráter residencial, com comércio local e tem como pontos de atração o Clube do Olaria (que abriga o estádio Mourão Filho assim como piscina de natação, academia, e basquete) e o Cacique de Ramos. Conta com meios de transporte como ônibus, trem, vans e BRT que ligam o bairro à zona sul, oeste norte e centro.



Contexto Urbano



Usos



- Institucional
- Misto
- Residencial
- Comercial



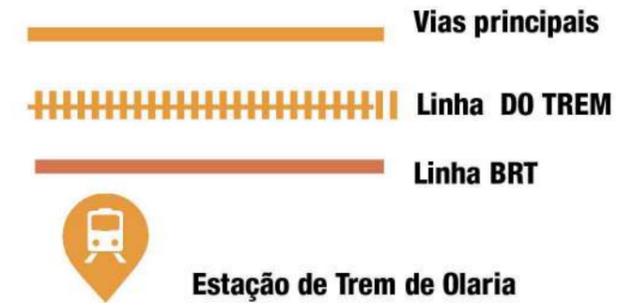
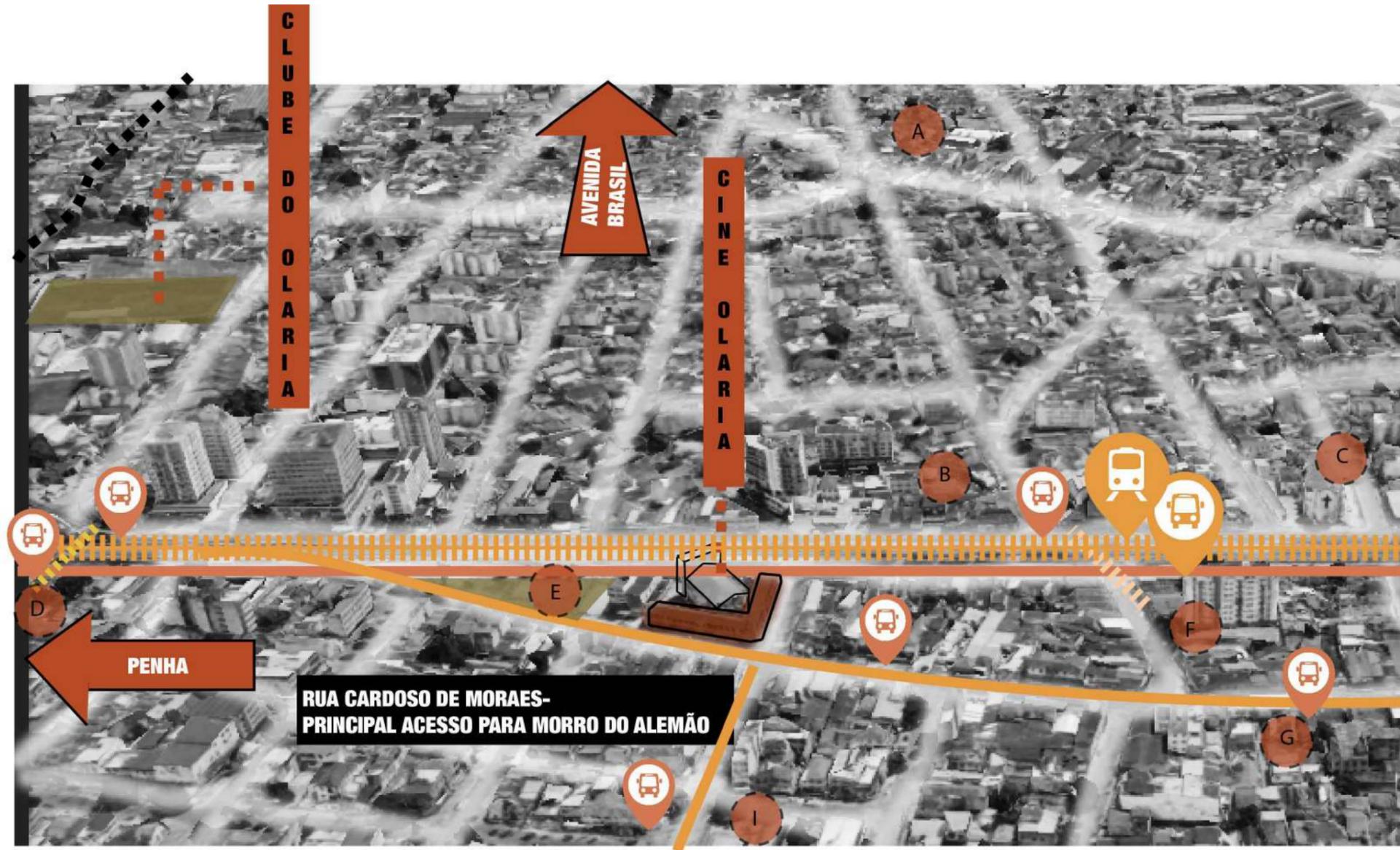
Fluxos

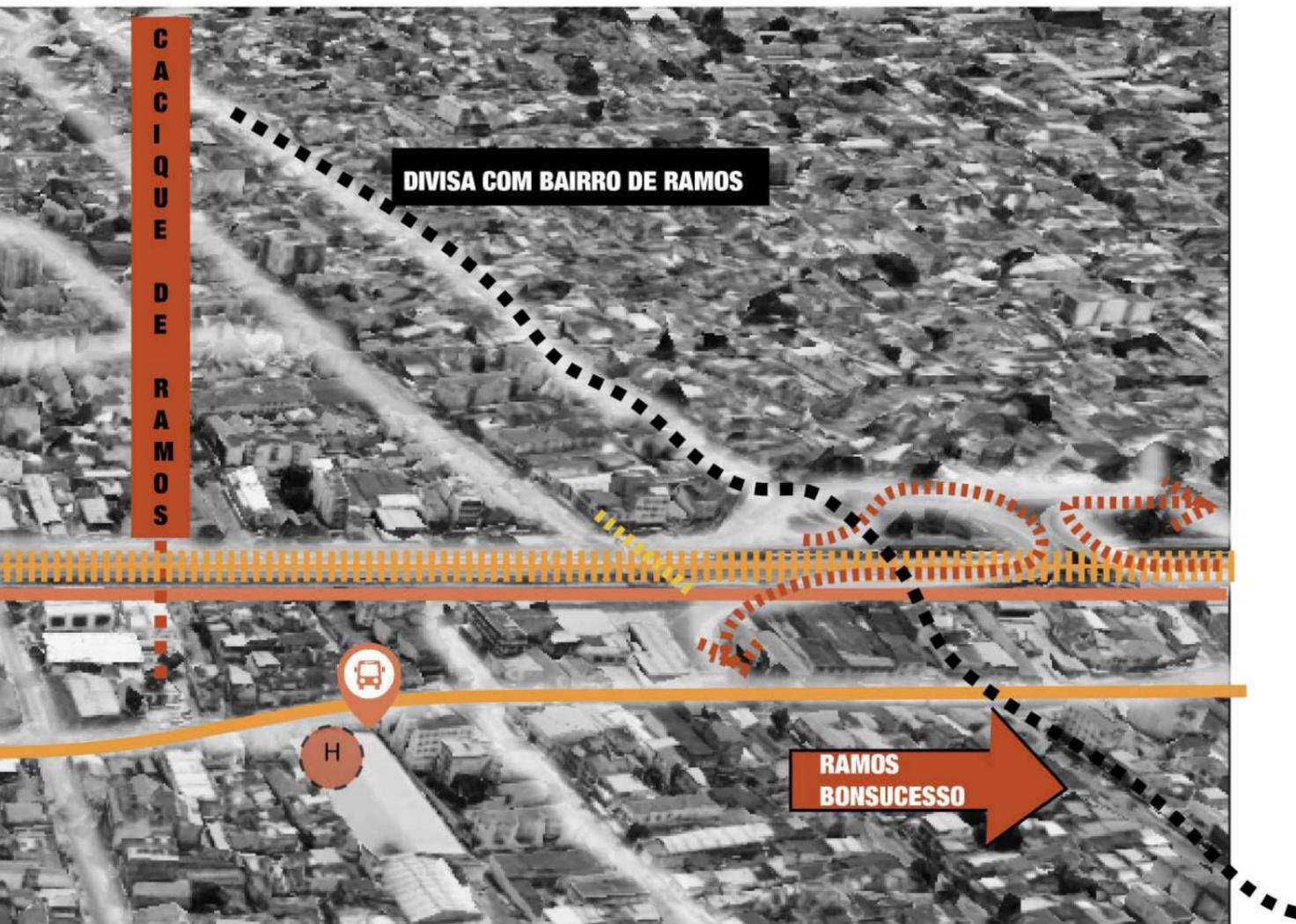


- Fluxo Principal
- Fluxo Principal
- Linha do trem/barreira



ANÁLISE DO ENTORNO





- A** 5 BOCAS - CONJUNTO DE BARRACAS E BARES
- B** ANTIGO CINE ROLARIA ATUAL GALERIA
- C** PARÓQUIA SÃO GERALDO
- D** IGREJA NOVA VIDA
- E** QUADRA GÊMEAS
- F** ANTIGO CINEMA
- G** CENTRO CULTURAL PALCO DA VIDA
- H** PREZUNIC
- I** PRAÇA BELMONTE



ANÁLISE DA QUADRA



FLUXOS



TIPOLOGIA



04

PROJETO

Proposta
Intervenção Entorno
Intervenção na Edificação
Projeto de Restauração
Projeto Arquitetônico
Plantas, cortes, fachadas

2012



2019





Foto fachada rua Uranos - observa-se esquadrias faltantes, pichação na fachada, vãos vedados



Foto fachada rua Uranos - observa-se esquadrias danificadas, pichação na fachada, vãos parcialmente vedados



Foto fachada rua Uranos - observa-se calçada irregular, vãos parcialmente fechados, soleiras danificadas.



Foto da torre na esquina da Uranos com Travessa Etelvina. Vemos o acesso principal ao edifício vedado, torre com pintura danificada e esquadria danificada



Foto das portas da saída do antigo cinema à rua Uranos



Foto da fachada na Travessa Etelvina onde podemos observar diversos vãos vedados e esquadrias danificadas. Ao fundo observa-se mancha de umidade na torre



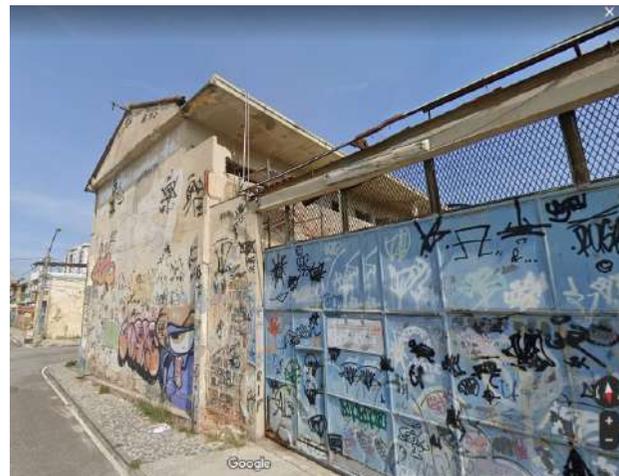
Foto fachada da Travessa Etelvina voltado para a Rua Etelvina. Observa-se também o clima árido e ambiente hostil da rua



Foto fachada Travessa Etelvina onde observa-se guarda corpo com manchas de umidade, telhas danificadas, portão em ferro oxidado



Foto da fachada na Travessa Etelvina vãos do forro ventilado obstruído, esquadria de ferro oxidada e esquadrias danificadas e faltantes



Fachada da Rua Etelvina, observa-se grande número de pichações, desvio de água pluvial construída de forma irregular e laje de cobertura circulação interna danificada com estrutura já exposta



Muro voltado para Rua Etelvina funcionando como barreira e ambientando uma rua insegura e árida

Mapeamento de Danos

O mapeamento de Danos foi feito através de visita ao edifício e fotos. Este artifício tem como objetivo conhecer e investigar a atual situação de conservação do bem. O Mapeamento é um importante documento ilustrado que visa facilitar as tomadas de decisão de projeto de Restauro, bem como reconhecer suas patologias

PATOLOGIAS



FISSURAS - PEQUENAS ABERTURAS NOS MATERIAIS (REVESTIMENTOS E ARGAMASSAS)



MICROFISSURAS - CONJUNTO DE FISSURAS MENORES E MAIS SUPERFICIAIS



RACHADURA - ABERTURA MAIS PROFUNDA NOS MATERIAIS OU SISTEMAS CONSTRUTIVOS



ARGAMASSA DIFERENCIADA - DE DIFERENTE GRANULOMETRIA OU COM SOBRESSALTOS



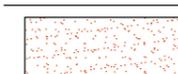
LACUNAS - PARTES FALTANTES EM ELEMENTOS CONSTRUTIVOS, ALVENARIAS, ETC.



MANCHA NEGRA - CROSTA DURA E IMPERMEÁVEL S/ SUPERFÍCIE DOS MATERIAIS



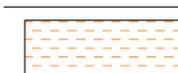
MANCHA DE UMIDADE - ASCENDENTE OU DESCENDENTE EM ARGAMASSAS



PINTURA DEGRADADA - PARTES FALTANTES, DEGRADADAS OU DEFORMADAS



GRAFITISMO - PIXAÇÕES, MARCAÇÕES E ESCRITAS ALHEIAS À EDIFICAÇÃO



ESQUADRIA DANIFICADA - QUEBRADA, COM TRECHOS FALTANTES OU PARCIALMENTE CARBONIZADAS



OXIDAÇÃO - ELEMENTOS METÁLICOS DANIFICADOS PELA UMIDADE



VEGETAÇÃO - MAIS SIGNIFICATIVA SOBRE ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS



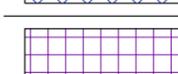
INSTALAÇÕES INADEQUADAS - INSTALAÇÕES PREDIAIS E ESPECIAIS OBSOLETAS E/OU ESPÚRIAS



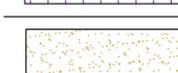
SUJIDADE - CROSTA SUPERFICIAL CAUSADAS POR ACÚMULO DE POEIRA E UMIDADE



ELEMENTO ESPÚRIO - QUE DESTOA DA EDIFICAÇÃO DIFICULTANDO SUA COMPREENSÃO



VIDRO FALTANTE - AUSÊNCIA DE PEÇA DE ESQUADRIA, VITRAL OU CLARABOIA



PREENCHIMENTO INADEQUADO - DIFERENÇA DE REVESTIMENTO



AR CONDICIONADO - TIPO "JANELA"

MAPEAMENTO DE DANOS



FACHADA RUA URANOS

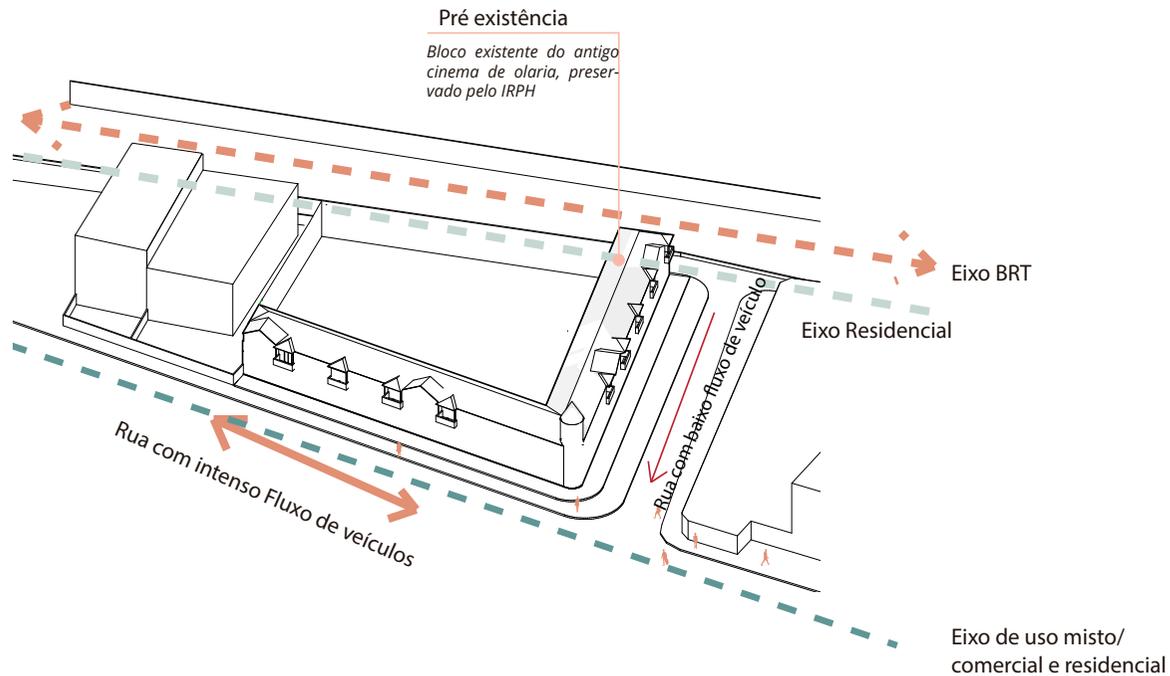


FACHADA TRAVESSA ETELVINA





AÇÕES PROJETAIS

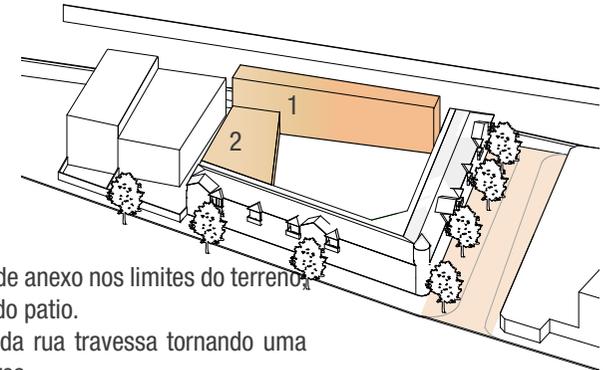


-Implantação de anexo nos limites do terreno, consolidação do patio.

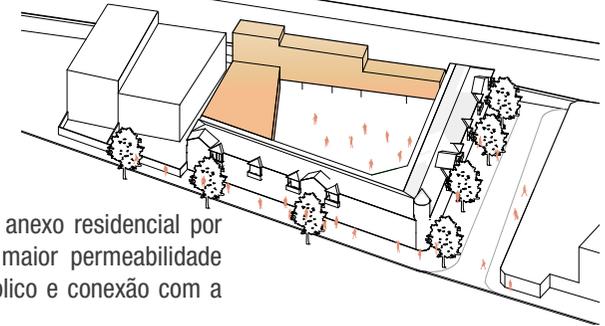
-Nivelamento da rua travessa tornando uma rua de pedestres

1_área residencial

2_cinema



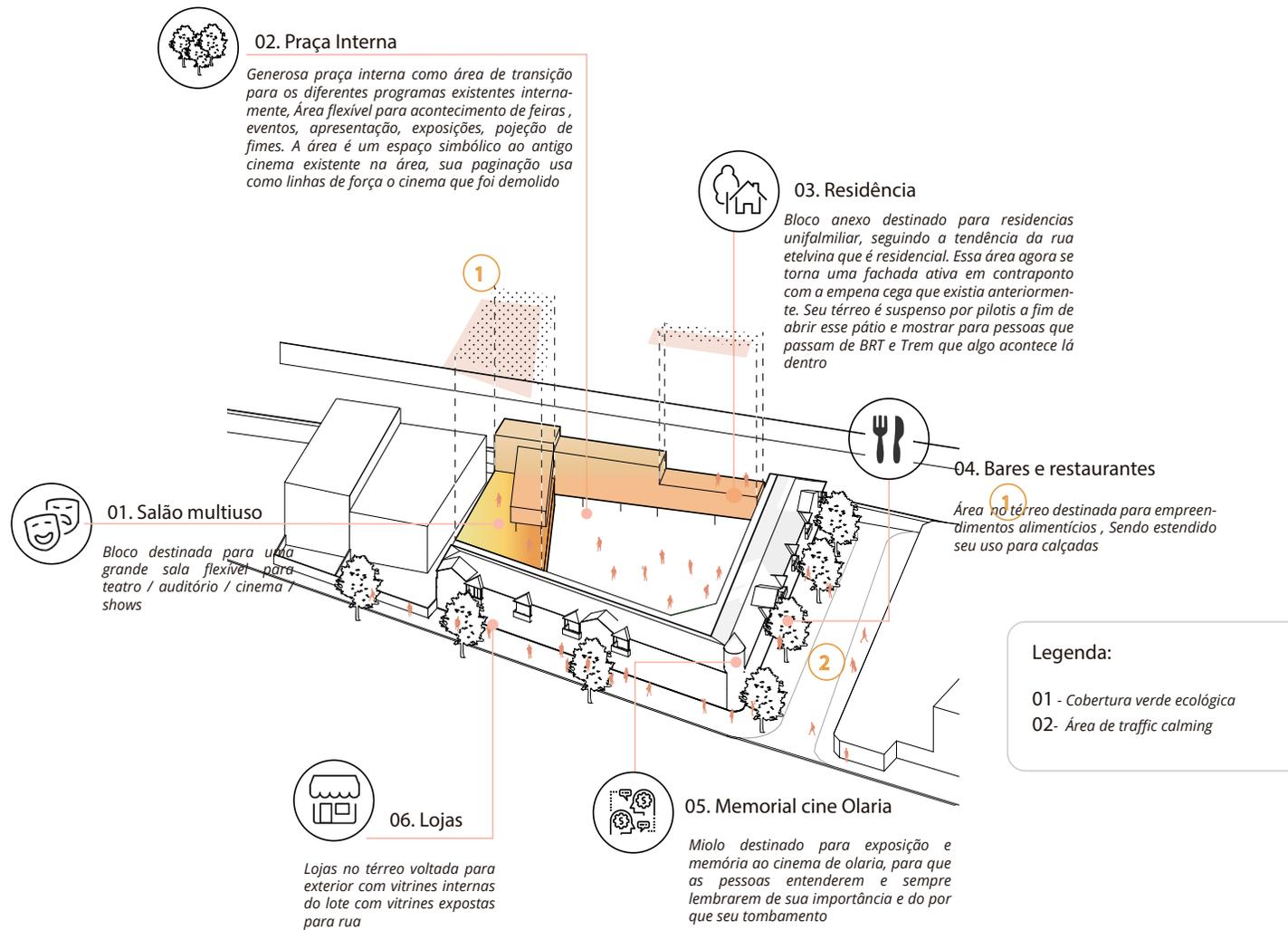
Elevação do anexo residencial por pilotis para maior permeabilidade do pátio público e conexão com a rua

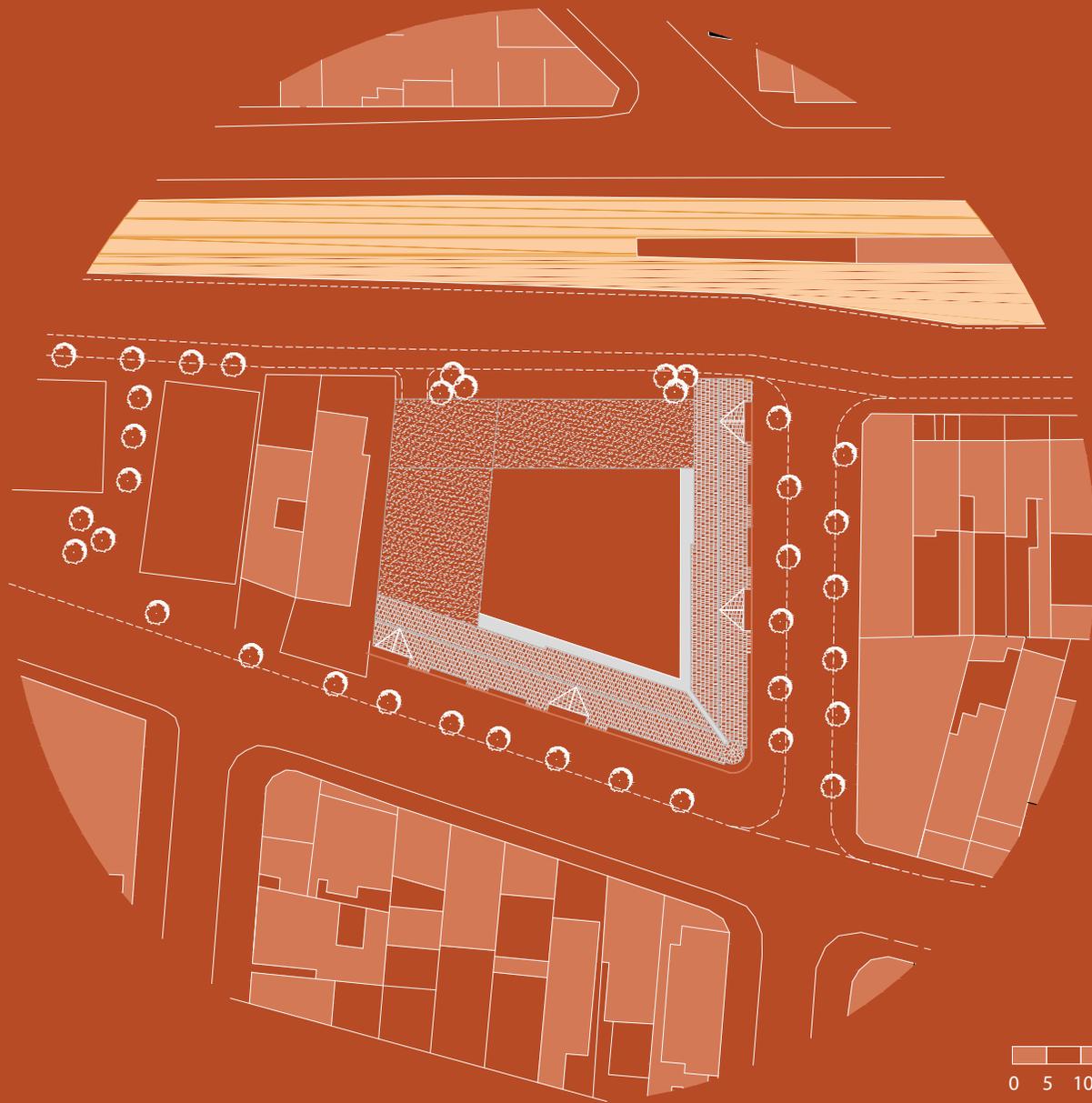


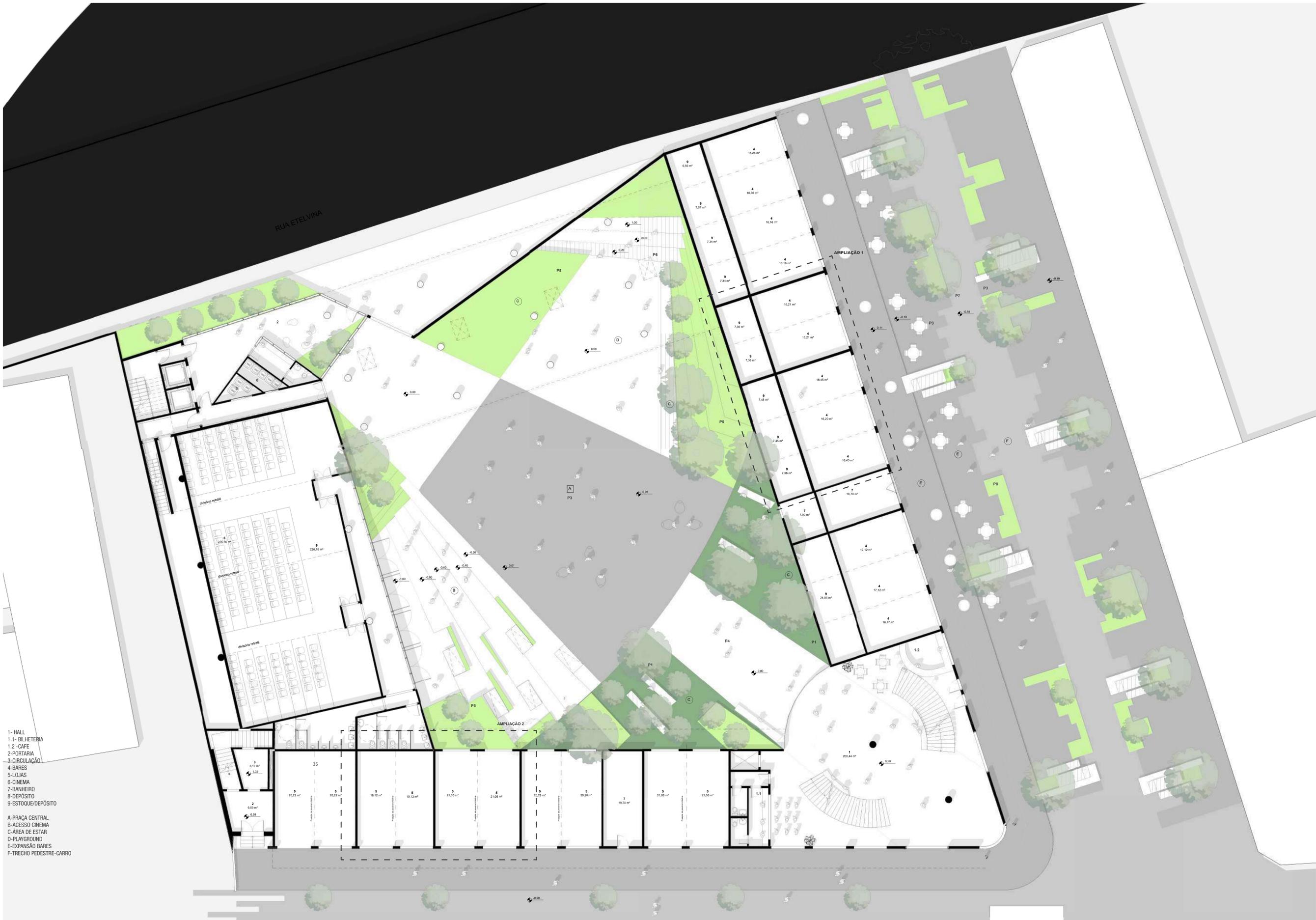
Expansão do anexo residencial acima do bloco do cinema e aproveitamento de sua cobertura



PROGRAMA DE INTERVENÇÃO



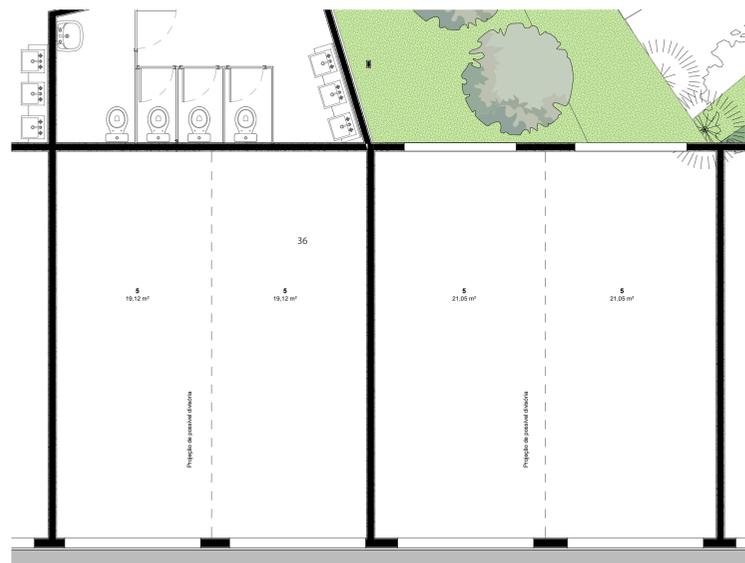
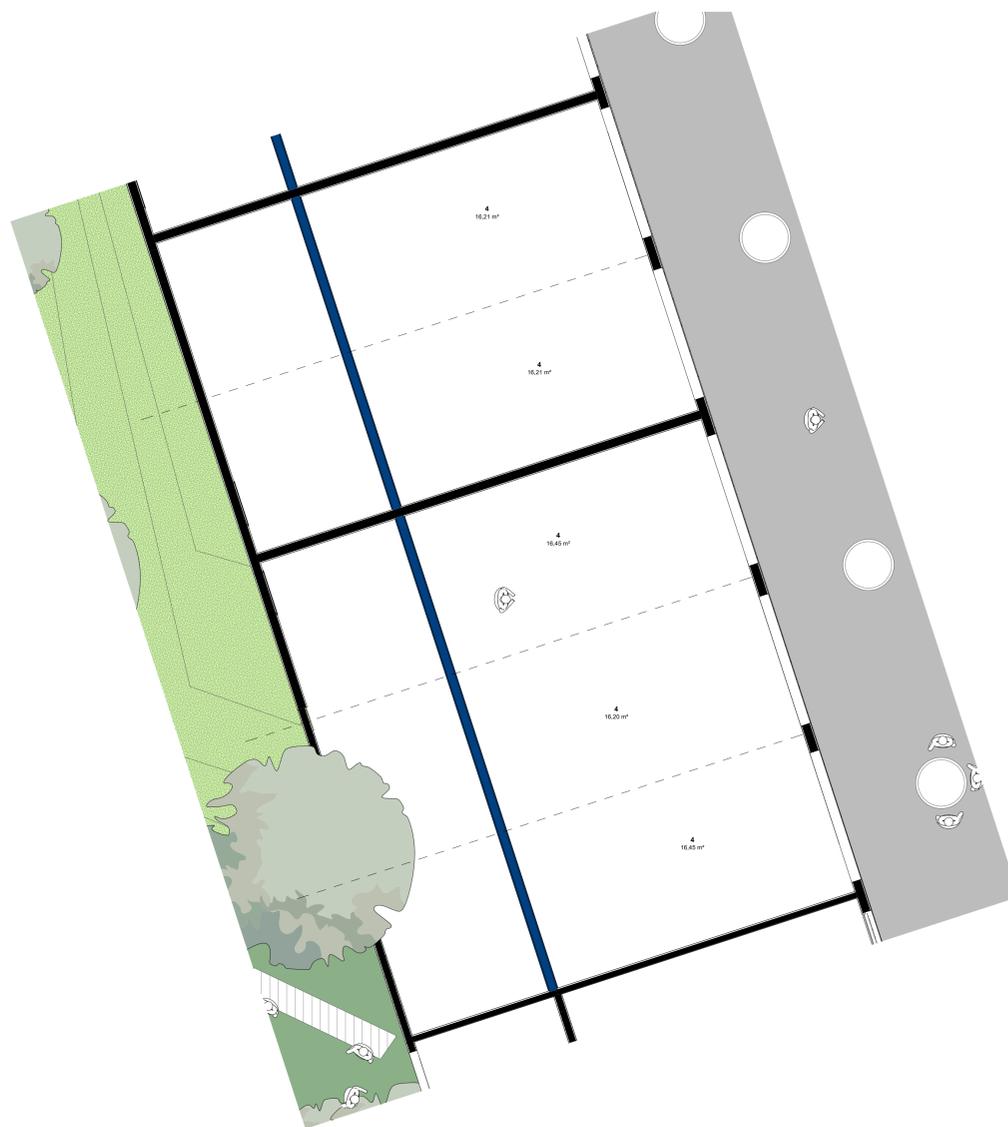


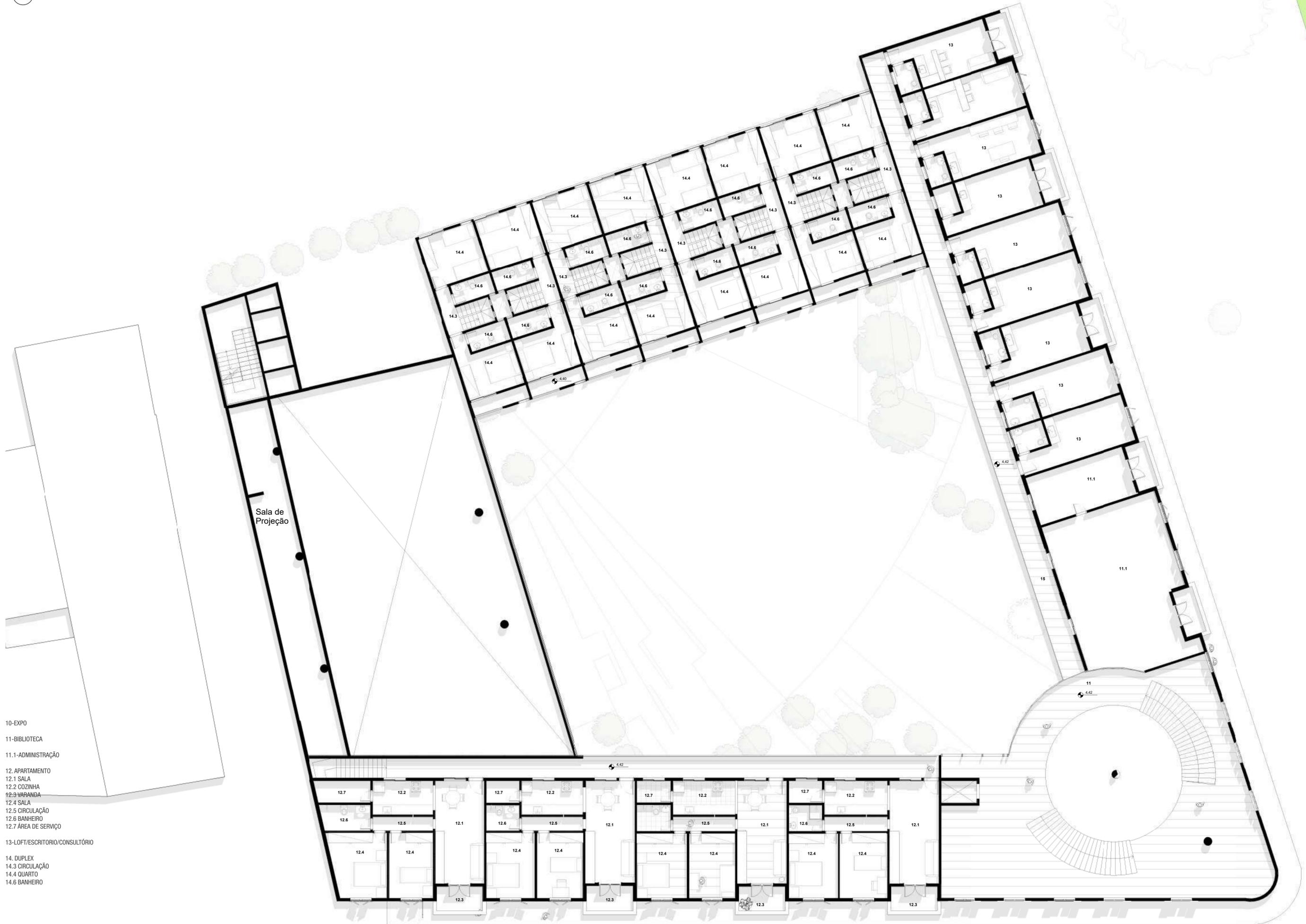


- 1- HALL
- 1.1- BILHETERIA
- 1.2- CAFE
- 2- PORTARIA
- 3- CIRCULACAO
- 4- BARES
- 5- LOJAS
- 6- CINEMA
- 7- BANHEIRO
- 8- DEPOSITO
- 9- ESTOQUE/DEPOSITO
- A- PRAÇA CENTRAL
- B- ACESSO CINEMA
- C- AREA DE ESTAR
- D- PLAYGROUND
- E- EXPANSÃO BARES
- F- TRECHO PEDESTRE-CARRO

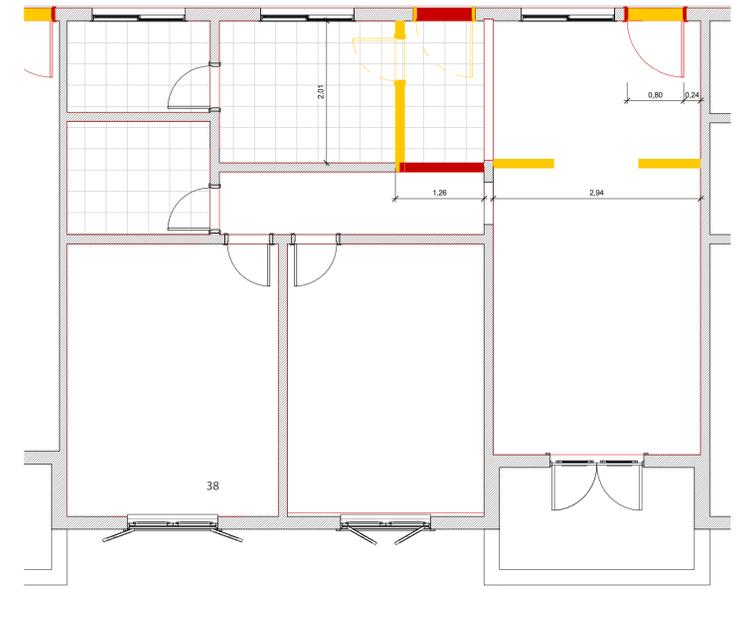
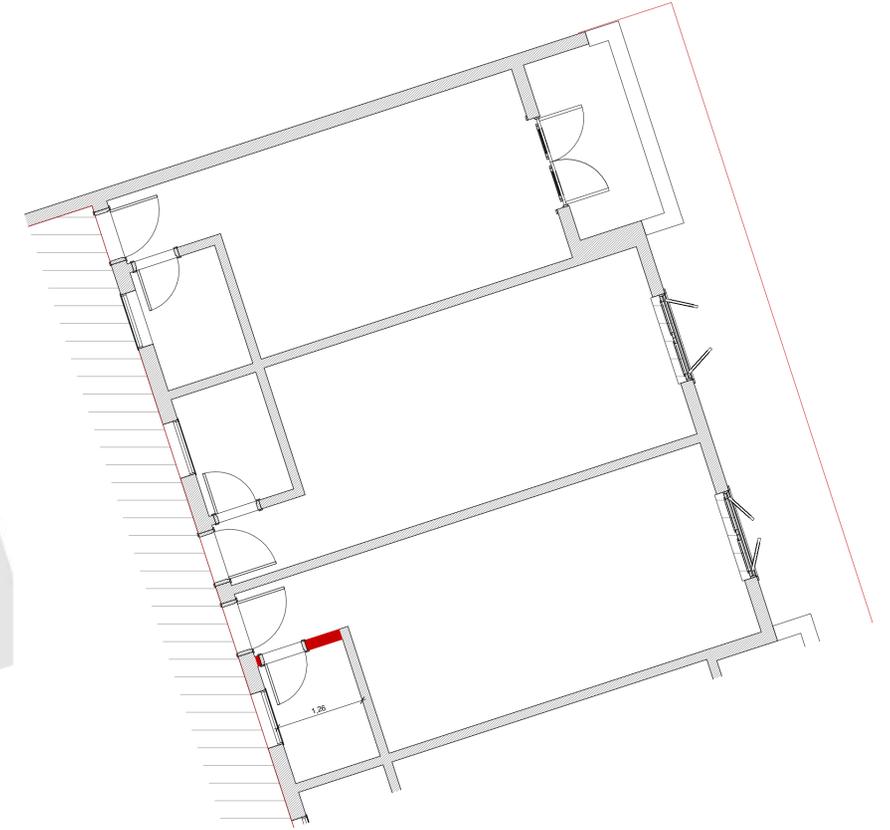
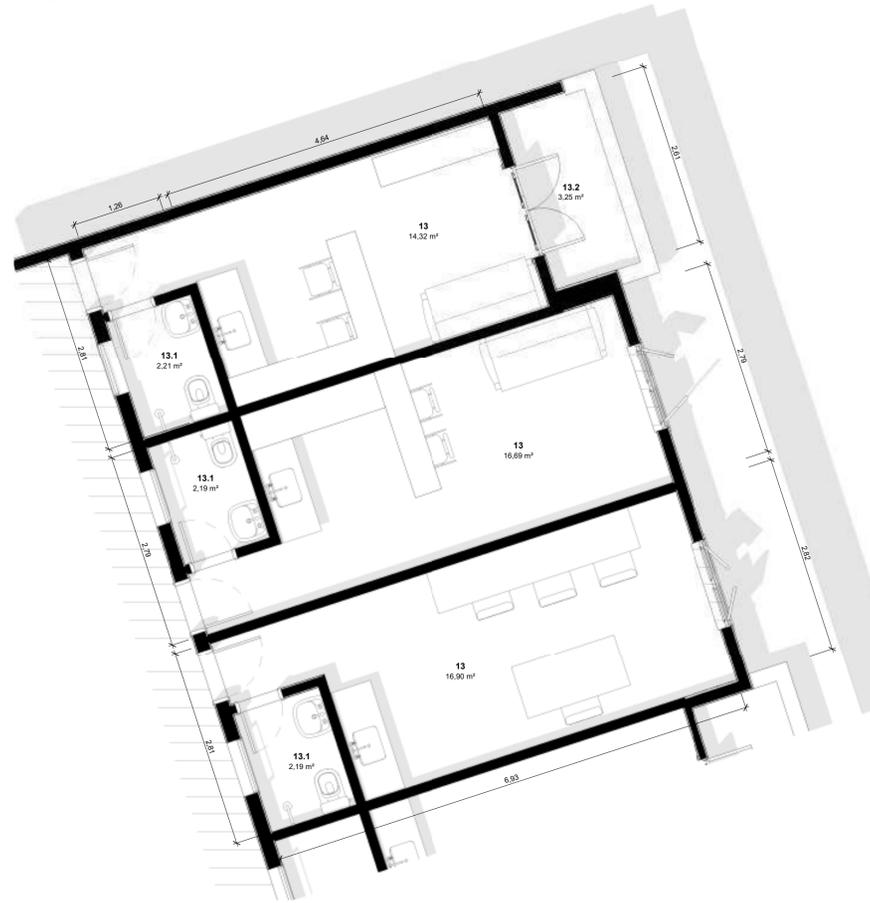
RUA URANOS

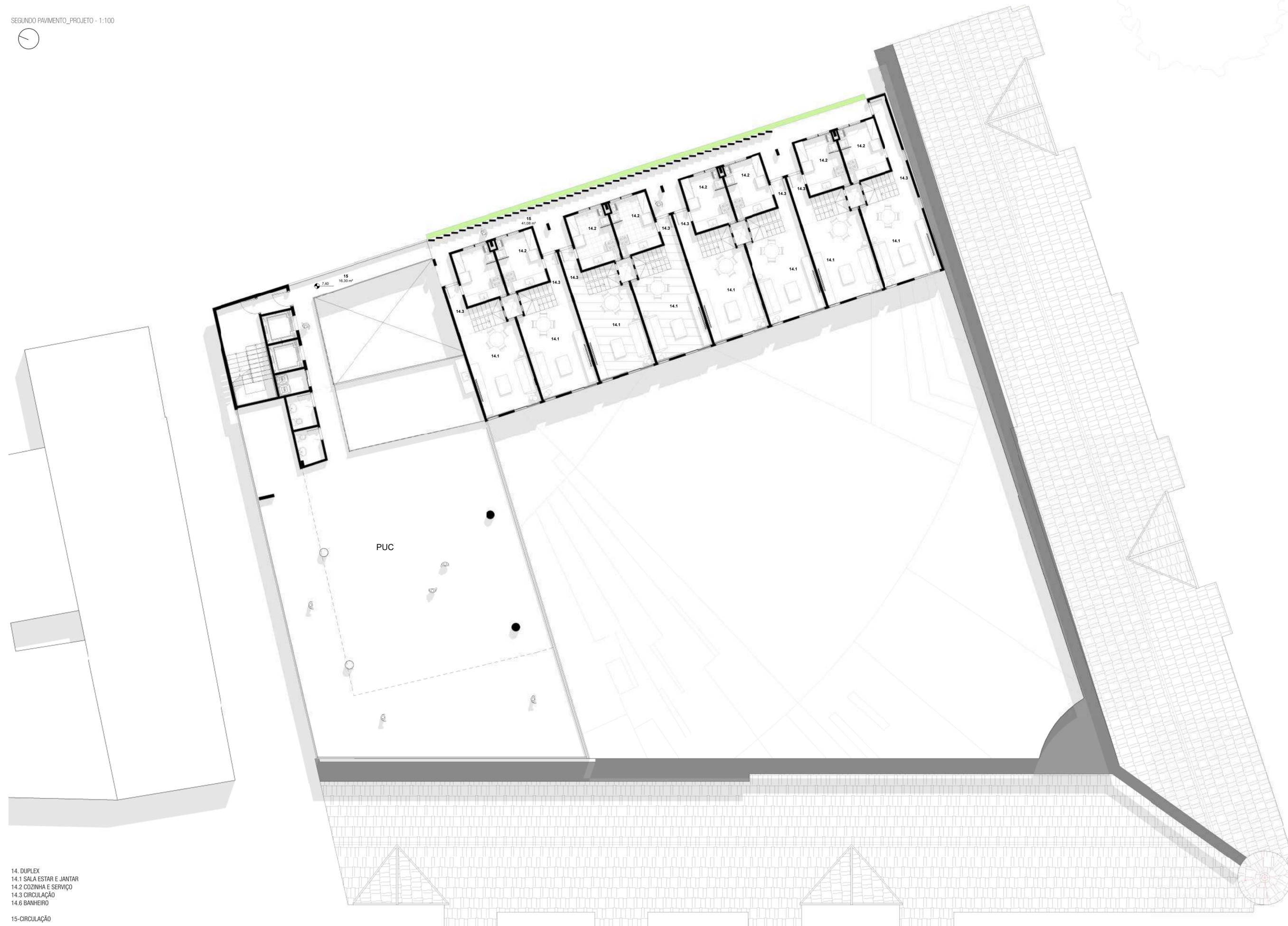






- 10-EXPO
- 11-BIBLIOTECA
- 11.1-ADMINISTRAÇÃO
- 12. APARTAMENTO
- 12.1 SALA
- 12.2 COZINHA
- 12.3 VARANDA
- 12.4 SALA
- 12.5 CIRCULAÇÃO
- 12.6 BANHEIRO
- 12.7 ÁREA DE SERVIÇO
- 13-LOFT/ESCRITÓRIO/CONSULTÓRIO
- 14. DUPLEX
- 14.3 CIRCULAÇÃO
- 14.4 QUARTO
- 14.6 BANHEIRO

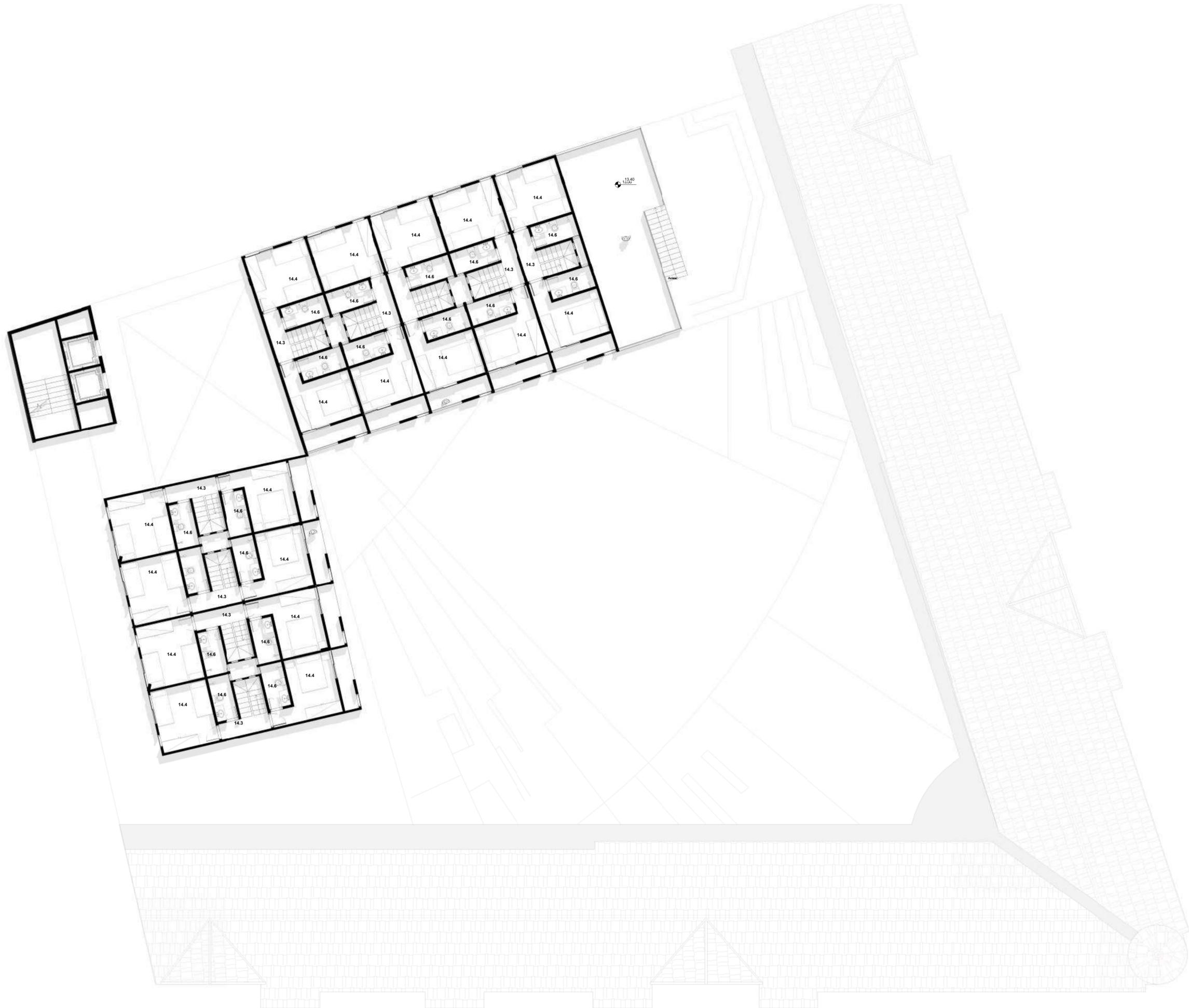


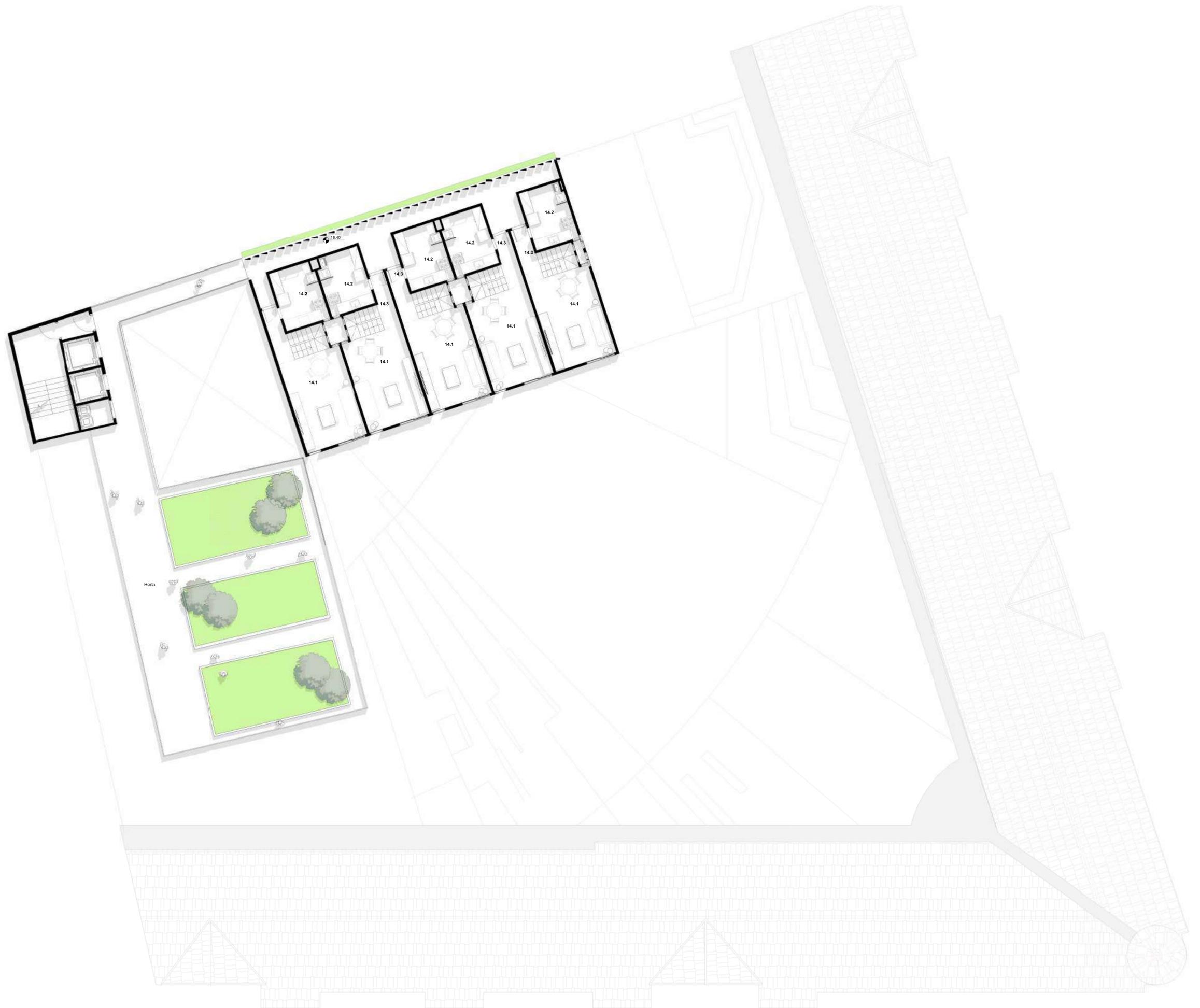


- 14. DUPLEX
- 14.1 SALA ESTAR E JANTAR
- 14.2 COZINHA E SERVIÇO
- 14.3 CIRCULAÇÃO
- 14.6 BANHEIRO
- 15-CIRCULAÇÃO

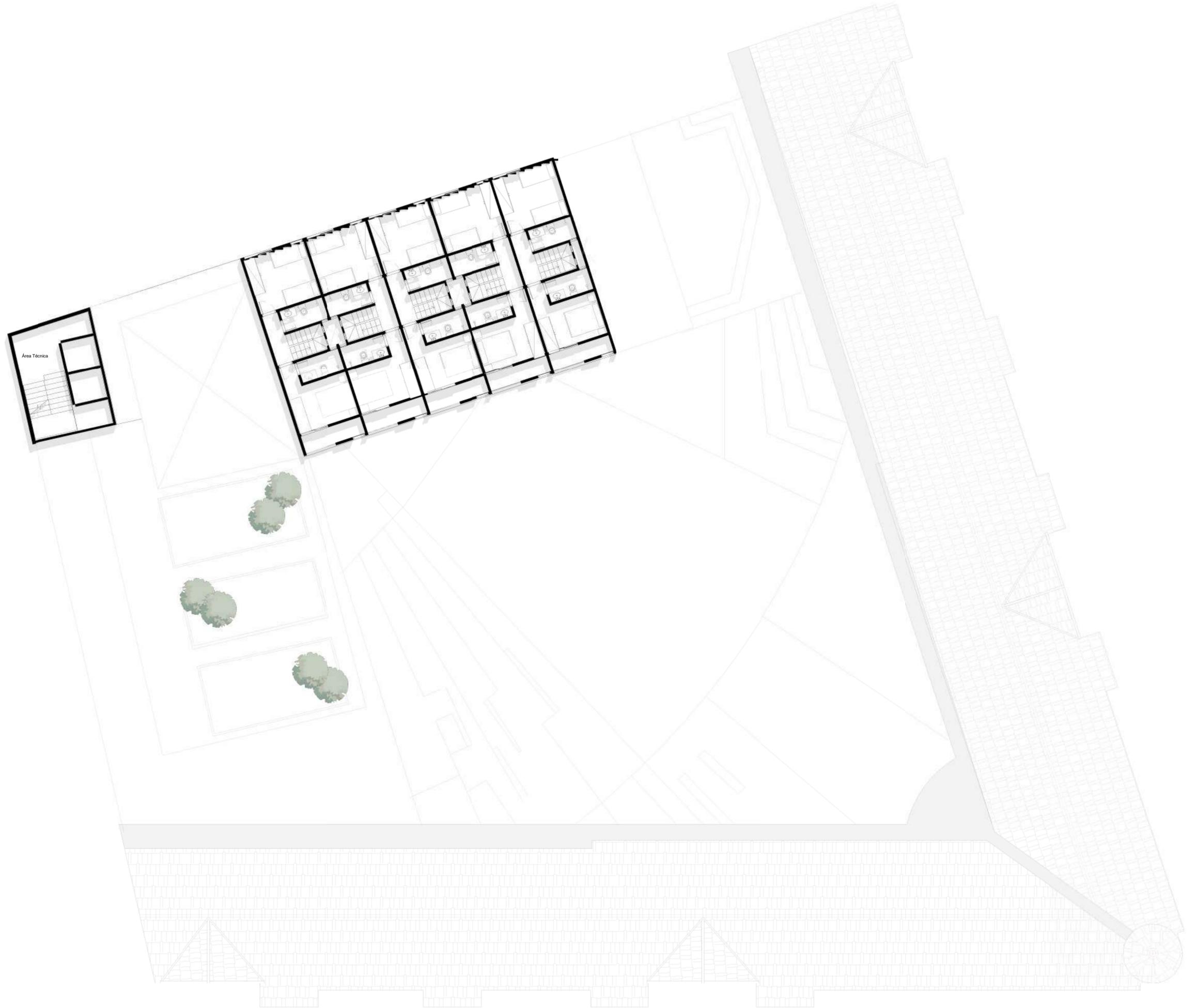


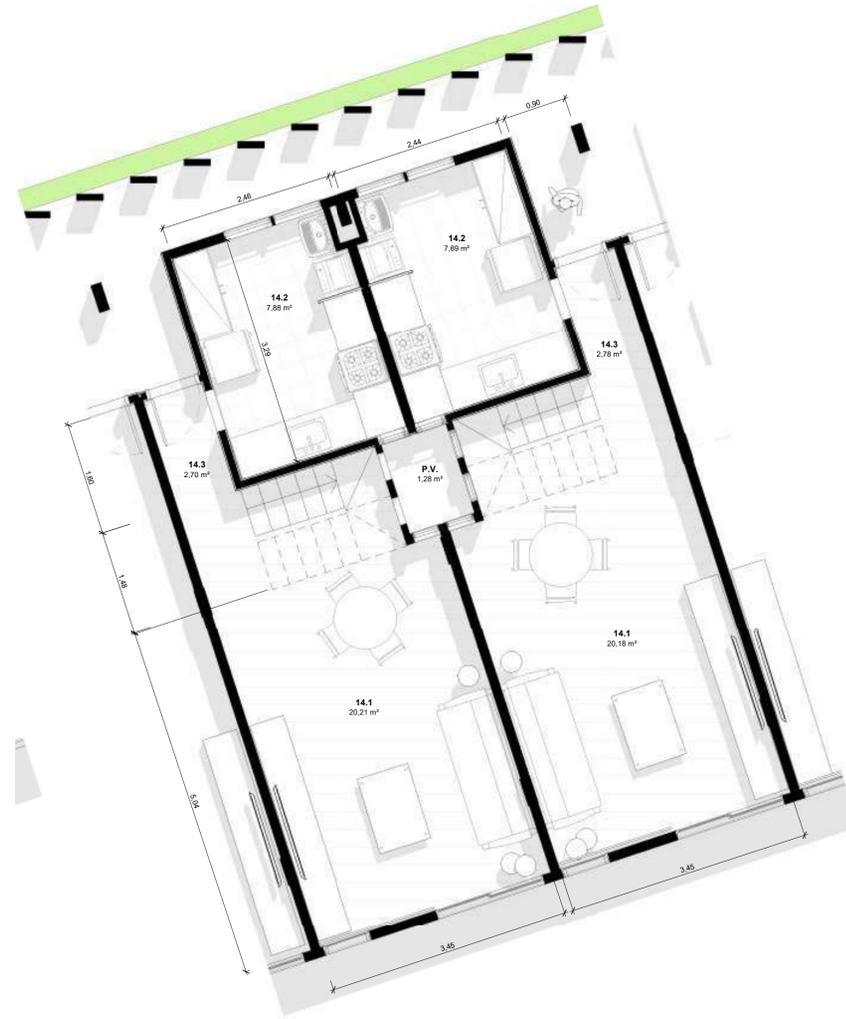
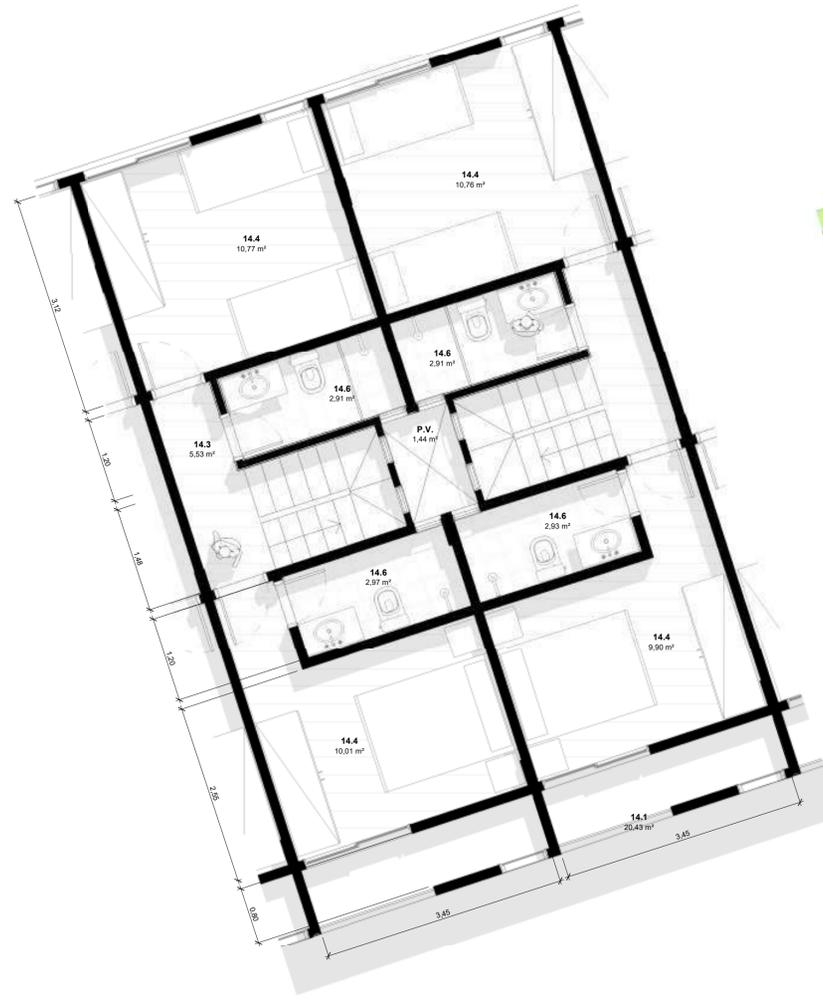
- 14. DUPLEX
- 14.1 SALA ESTAR E JANTAR
- 14.2 COZINHA E SERVIÇO
- 14.3 CIRCULAÇÃO
- 14.6 BANHEIRO
- 15-CIRCULAÇÃO
- 17-ACADEMIA
- 18-AREA EXERCÍCIOS

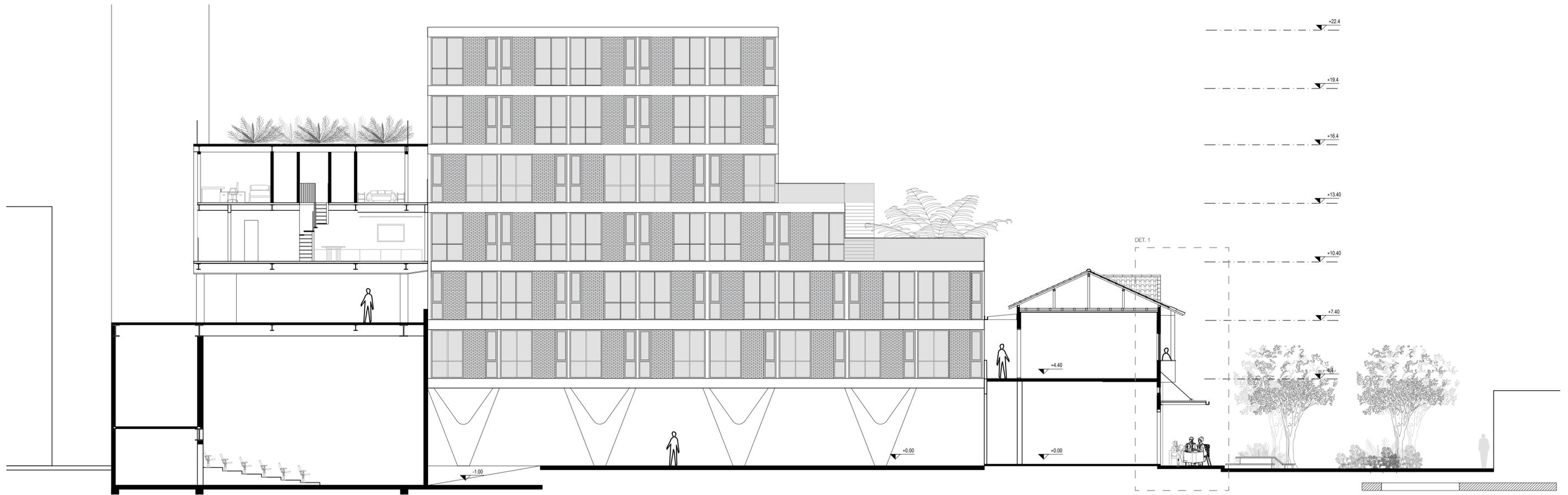




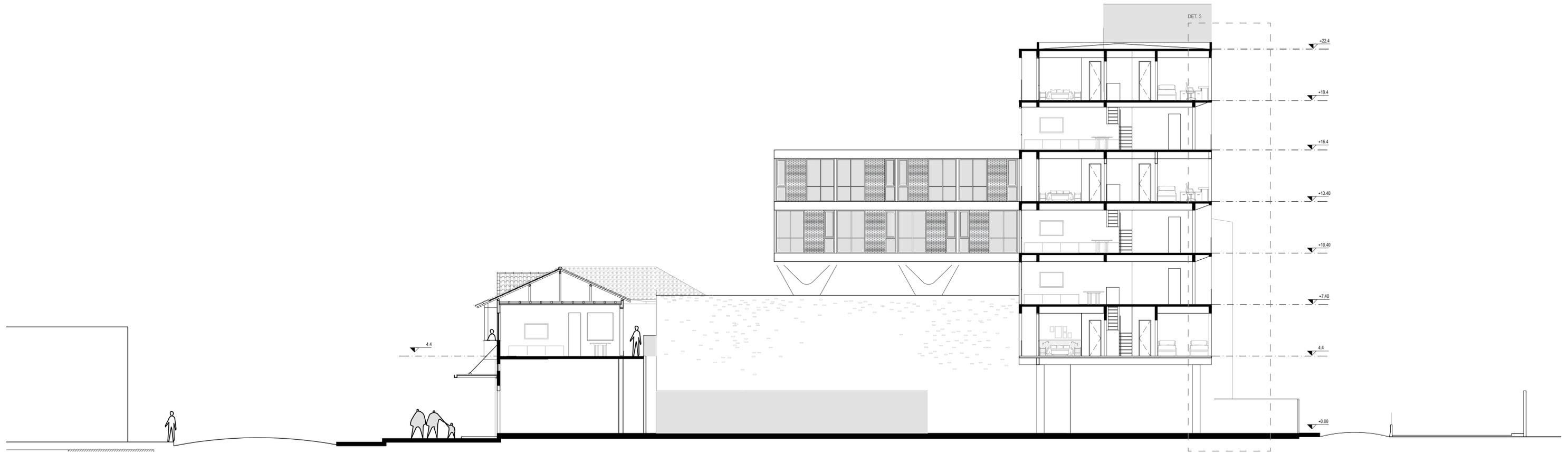
- 14. DUPLEX
- 14.1 SALA ESTAR E JANTAR
- 14.2 COZINHA E SERVIÇO
- 14.3 CIRCULAÇÃO
- 14.6 BANHEIRO
- 15-CIRCULAÇÃO











05

Referências Bibliográficas

BIBLIOGRAFIA

BOITO, Camillo. **Os restauradores**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração**. Tradução Beatriz Külh. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

FERRAZ, Talita. **Construção de sociabilidade e memória na tijuca**. O caso dos extintos cinemas da Praça Saens Peña e as atuais formas de espetação cinematográfica no bairro. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação - ECO, 2009.

KÜLH, Beatriz M. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização**. 2ª edição. São Paulo. Ateliê Editorial; 2018

MORAES, Alana; TARIM, Bruno; TIBLE, João. **Cartografias da Emergência: novas lutas no Brasil**. São Paulo. Friedrich Ebert Stiftung (FES) Brasil.

SANTOS, Bruno Sarmiento. **Conflito entre uso e forma nas salas de cinema tombadas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2015.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5ª Ed. São Paulo: Edusp Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 90p.

Sites:

CARMO, Fernanda Heloísa do; Henrique Telles Vichnewskiraduado, PASSADOROUTOR, João Luiz; TERRAESTRE, Leonardo Augusto Amaral. Cesare Brandi Uma releitura da teoria do restauro crítico sob a ótica da fenomenologia. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.189/5946>>, Acesso em: 15/04/2019k

KÜLH, B. M. História e Ética na Conservação e na Restauração de Monumentos Históricos. Revista CPC, Vol. 1, N.1, São Paulo, Nov./2005 – Abr./2006, p. 16-40. Disponível em: <http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/conteudo_revista_arti_arquivo_pdf/kuhl_pdf.pdf>, acesso em: 15/04/2019

Carta de Veneza - Maio de 1964. II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>>, Acesso Sete/2017

Carta do Restauro - Abril de 1972. Carta do Restauro, do Ministério da Instrução Pública do Governo da Itália.

Manifesto Amsterdã - Outubro de 1975. Carta Europeia do Patrimônio Arquitetônico - Ano do Patrimônio Europeu. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manifesto%20Amsterda%CC%83%201975.pdf>>

CENA MUDA - O cinema nos subúrbios. 22º segundo ano, Nº 1110, junho de 1942, página 21. Disponível em <facebook.com.br/CoraçãoSuburbano>

O GLOBO - Um cinema como se deseja, 19 de novembro de 1962, Matutina, Jornais de Bairro, página 11 “. Disponível em <acervo.oglobo.globo.com> Acesso em set/2018

O GLOBO - Em toda Leopoldina só Olaria tem cinemas. 25 de julho de 1986, Matutina, Jornais de Bairro, página 8. Disponível em <acervo.oglobo.globo.com> Acesso em set/2018

O GLOBO - E o vento não levou a saudade dos nossos antigos cinemas 04 de Março de 1988, Matutina, Jornais de Bairro, página 10 “. Disponível em <acervo.oglobo.globo.com> Acesso em set/2018

O GLOBO. Após restauração o prédio cine olaria receberá academia, lojas e torre de apartamento, 05 de julho de 2018. <<https://oglobo.globo.com/rio/apos-restauracao-predio-do-cine-olaria-recebera-academia-lojas-torre-de-apartamentos-22853128>>. Acesso em: set/2018

FREIRE, QUINTINO G. Fechado há mais de 20 de anos Cine Olaria vai reabrir muito mais chique e com apartamentos e academia,. Disponível em <<https://diariodorio.com/fechado-ha-mais-de-20-de-anos-cine-olaria-vai-reabrir-muito-mais-chique-e-com-apartamentos-e-academia/>> Acesso em set/2018

LUCENA, Felipe. Os cinemas da região Leopoldina, a Cinelândia Suburbana . Disponível em < <https://diariodorio.com/os-cinemas-da-regiao-leopoldina-a-cinelandia-suburbana/>>.

NOVAS, Betinho. Cinema de Olaria será revitalizado após anos parado. Disponível em < <https://www.vozdascomunidades.com.br/geral/cinema-de-olaria-sera-revitalizado-apos-anos-parado/>> Acesso em set/2018

Ficou pronto o projeto que transforma o antigo Cine Olaria em centro cultural.cómo fazer uma loja virtual <<http://suburbiosdorio.blogspot.com/2011/10/cine-olaria-ll.html>> Acesso em set/2018

Acervo.globo.com. Acesso em set/2017

